

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Juliano Nery de Carvalho

DRAMATIZAÇÃO X INFORMAÇÃO:
*A COBERTURA DA SELEÇÃO BRASILEIRA PELO JORNAL NACIONAL NA
COPA 2006 À LUZ DOS 'VASOS COMUNICANTES' DE EDGAR MORIN*

**JUIZ DE FORA
2006**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

Juliano Nery de Carvalho

DRAMATIZAÇÃO X INFORMAÇÃO:

*A COBERTURA DA SELEÇÃO BRASILEIRA PELO JORNAL NACIONAL NA
COPA 2006 À LUZ DOS 'VASOS COMUNICANTES' DE EDGAR MORIN*

Monografia apresentada pelo discente
Juliano Nery de Carvalho à disciplina
Projeto Experimental II da Faculdade de
Comunicação Social da Universidade
Federal de Juiz de Fora.

Orientadora: Profa. Dra. Iluska Maria da
Silva Coutinho

**JUIZ DE FORA
2006**

JULIANO NERY DE CARVALHO

DRAMATIZAÇÃO X INFORMAÇÃO:
*A COBERTURA DA SELEÇÃO BRASILEIRA PELO JORNAL NACIONAL NA
COPA 2006 À LUZ DOS 'VASOS COMUNICANTES' DE EDGAR MORIN*

Projeto Experimental submetido ao corpo docente da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do bacharelado em Comunicação Social.

Data da defesa: 15/08/2006

Professora Doutora Christina Ferraz Musse
Convidada

Professor Doutor Aluízio Ramos Trinta
Convidado

Professora Doutora Iluska Maria da Silva Coutinho
Orientadora

AGRADECIMENTOS

- A Deus pela criação e pela energia que emana em minha vida. Com Ele, tudo é possível;

- Aos meus pais, Laura e José João, por todo carinho, colaboração e crença no meu projeto de vida. O sucesso desta conquista é reflexo de todo o esforço de vocês;

- Aos meus irmãos, Luciano e Adriano, por serem exemplo de companheirismo e de amizade;

- À Maria Teresa Rocha (Dinda) e demais familiares, por todo o incentivo no percurso desta conquista;

- À minha orientadora, Iluska Coutinho, por todo apoio, desprendimento e zelo ao colaborar na conclusão deste projeto de fim de curso;

- Ao meu pequeno filho, Gabriel, por dignificar a minha existência e por ser um dos pilares em minha vida;

- À família Braz da Silva, em especial à Alexandra, por toda a ajuda nos momentos difíceis e pelo cuidado e carinho com que cuidam do meu filho;

- A todos os docentes da Facom – UFJF, pelo empenho e pela disponibilidade em colaborar com minha formação profissional;

- Aos amigos de ontem, de hoje e de sempre, em ordem alfabética, que é para não dar briga: Amaro Baptista, Danilo Campos, Diogo Carvalho, Felipe Nardini, Filipe Delage, Franklin Ferreira, Homero Nogueira, Kleber Lourenço, Leandro Braga, Leonardo Vieira, Luís Henrique Evo, Maycon Chagas, Paulo Hipólito, Paulo Wagner, Rafael Viana (*in memoriam*), Renato Mota e Rodrigo Moraes.

DEDICATÓRIA

*Para Laura, Zé Petiti,
Lu, Dri e pequeno Gabriel*

SINOPSE

Análise da cobertura jornalística da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo 2006, a partir das reportagens do *Jornal Nacional*, de acordo com os conceitos explicitados pelo teórico francês Edgar Morin no livro *Culturas de Massa no século XX – Volume I*, capítulo *Os vasos comunicantes*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 – MORIN E SEU LEGADO	12
1.1 – Vida	12
1.2 – Obra	17
1.2 – Culturas de massa no século XXI ?	19
1.3 – “Os vasos comunicantes”	24
2 – A CAIXA DE SONS E IMAGENS	27
2.1 – Dos primórdios à configuração jornalística	27
2.2 – O caso tupiniquim	34
2.3 – O telejornalismo esportivo	42
3 – ESPORTE E ESPETACULARIZAÇÃO: A COBERTURA DA SELEÇÃO BRASILEIRA PELO JN	47
3.1 – Metodologia	47
3.2 - Análise dos “Vasos comunicantes” no estudo de caso	50
3.2.1 – A informação romanceada	52
3.2.2 – A vedetização dos personagens	57
3.2.3 – O uso de <i>fait divers</i>	61
CONCLUSÃO	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
ANEXOS	71

INTRODUÇÃO

Em uma sociedade pautada pela velocidade e fugacidade impostas pelo contexto de pós-modernidade, características como a longevidade são cada vez mais raras, dado o caráter perecível das informações e do conhecimento. Tanto esta premissa é legítima que os poucos casos em que o viés duradouro é observado, devem ser mencionados e dignos de referência. Sobreviver à passagem dos anos neste momento histórico é, sem sombra de dúvida, ser uma exceção à regra.

Pautada nesta conjuntura emerge a obra do teórico francês Edgar Morin. Contribuinte das mais variadas ciências, tais como a sociologia, a antropologia, a biologia, o cinema, a psicanálise e a educação, Morin permanece por décadas a influenciar outros estudiosos com conceitos que vão além de mero referencial opinativo e de juízo de valores, mas corroborando uma formação baseada na cosmovisão dos temas tratados em seus estudos.

A jovem ciência da comunicação não ficou de fora de seus tratados. Resultado das pesquisas desenvolvidas no Centro de Estudos de Comunicação de Massa da França, Morin escreveu, nos idos de 1961 e 1962, o livro *Culturas de Massa no século XX – o espírito do tempo* (1964), no qual prescreve o percurso do caráter industrial na sociedade de massa, modificando a estrutura das relações que passaram a imperar nas produções culturais após a revolução industrial do século XIX e o nascimento dos *mass media*, notavelmente da televisão, do rádio e do cinema.

Com a confecção de um segundo volume no início da década de 70, o primeiro passou a ser conhecido como *Neurose*, por conta do resultado dos

mecanismos de projeção e de identificação produzidos pelas relações entre o imaginário e o real do espectador ou do ouvinte.

Em que pese o distanciamento temporal de mais de 40 anos de seus postulados, a obra *O espírito do tempo – Neurose* continua a deter atualidade em seu conteúdo, servindo de norte para muitos estudos sobre os meios de comunicação de massa e suas relações entre o real e o imaginário da recepção. É bem verdade que o contexto nos quais os conceitos de Edgar Morin emergem já não é o mesmo, principalmente por conta dos avanços tecnológicos e da maior especialização dos meios de comunicação.

Apesar destas ressalvas, que não podem e não devem ser desprezadas, o texto de *Culturas de Massa no século XX*, contém relevância e adequação à configuração dos *mass media*. No caso da televisão, especialmente no modelo típico dos canais de tevê aberta, a observância dos postulados ganha ainda um alto grau de adesão e de confirmação.

Como forma de comprovar a atualidade e pertinência das propostas do estudioso multidisciplinar francês ainda hoje, esta monografia vai trazer à baila os conceitos alocados na segunda parte do primeiro volume, *Neurose*, encontrados no capítulo “Os vasos comunicantes”. Neste capítulo, Morin trata da questão da invasão da dramatização na informação, um domínio que antes era exclusivamente pautado pela realidade, mas que passou a ter a companhia do imaginário nas relações factuais e informativas.

Para demonstrar a validade dos pressupostos de Morin, o projeto vai aplicar seus conceitos na análise da cobertura televisiva da performance da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo 2006, especificamente, no *Jornal Nacional*. Comprovar o uso da dramatização no conteúdo informativo relacionado

ao tratamento deste assunto no telejornal da Rede Globo de Televisão foi o principal objetivo desta monografia de fim de curso.

A escolha do meio televisivo se dá pelo fato do seu caráter massivo. Já o *Jornal Nacional* foi eleito por conta da sua grande audiência. Quanto ao foco na editoria de esportes, mais precisamente na cobertura do futebol, o motivo foi o interesse despertado por esta seção durante o evento 'Copa do Mundo' e a comoção em torno da seleção brasileira de futebol em todo país.

Vale informar que, no percurso de 44 anos "de vida" das proposições de *Culturas de massa no século XX*, o meio televisivo, objeto de estudo deste projeto, ganhou em especialização e em avanços técnicos. A linguagem textual e imagética, bem como o aumento dos recursos das câmeras, das ilhas de edição e da captação de sons servem como exemplo desta evolução, que se tornou mais acentuada na década de 1970.

Outro destaque é o surgimento de novas categorias de tevê que emergiram no fim da década de 1980. A partir daí, para tomar como referência a classificação proposta por WOLTON (1996) é possível falar na televisão *geralista*, com os canais de tevê aberta, e na *temática*, padrão característico dos canais de tevê por assinatura.

Outro marco histórico no percurso entre 1962 e 2006 foi a alteração na sistemática do mundo com o fim do período da guerra fria e da bipolarização entre os sistemas capitalista americano e o socialista soviético. A partir destas mudanças aconteceu a abertura para as práticas neoliberais globalizantes, que teve como símbolos maiores, a queda do Muro de Berlim (1989) e o fim da União Soviética (1991).

Todos estes ingredientes influenciaram o meio televisivo e, com certeza, são fatores que devem ser aferidos na tentativa de comprovar a permanência da validade dos conceitos de Edgar Morin para a temática dos “vasos comunicantes” no século XXI. Com um estudo de caso constituído em um contexto de atualidade, este trabalho colocou em diálogo dois momentos: os postulados de Morin datados do início da década de 1960 e a aplicabilidade destes conceitos na cobertura da Copa do Mundo de 2006 pelo principal telejornal brasileiro.

Para tanto, este estudo traçará um perfil do autor francês, com seus traços biográficos e bibliográficos, bem como uma apresentação do livro *Culturas de massa no século XX* e do capítulo em questão, “Os vasos comunicantes”. Em um segundo momento, será apresentado um brevíssimo histórico da televisão brasileira, o surgimento do telejornalismo no país, a constituição da editoria de esportes, a ascensão desse setor como um dos gêneros de programas jornalísticos e as características do *Jornal Nacional*. Finalmente será apresentada a análise com a aplicação dos conceitos de Edgar Morin, referencial teórico no estudo de caso dessa monografia.

1 – MORIN E SEU LEGADO

Com uma vasta contribuição para diversos ramos do saber e uma considerável produção acadêmica, Edgar Morin passou por seguidas etapas até a consolidação de seu nome como autor multidisciplinar. Destacam-se em sua produção acadêmica, as obras historiográficas, sociológicas, educacionais e antropológicas.

A ciência da comunicação não ficou de fora de suas observações e os estudos dos meados da década de 50 e do início dos anos 60 podem ser destacados desta fase. O livro *Culturas de massa no século XX – O espírito do tempo – Volume I* faz parte deste período e, conseqüentemente, o conceito de “vasos comunicantes”, expresso em um dos capítulos desta obra.

1.1 Vida

Descendente de uma família de pais judeus, o autor nasceu em Paris no dia 08 de julho de 1921, com o nome de Edgar Nahun. Filho de gregos que se naturalizaram franceses, Edgar perdeu sua mãe, Luna Beressi, aos 10 anos de idade. A partir de então, o garoto, que passou a ser criado pelo seu pai, Vidal Nahun, dedicou boa parte de seu tempo à literatura, inspirando a gênese de algumas características que se tornariam marcantes em sua vida, como o autodidatismo e a investigação.

Durante o período da adolescência e início da juventude, Nahun toma contato com livros dos mais variados assuntos e disciplinas, o que acaba por imbuí-lo a prestar exames para a entrada na Universidade de Sorbonne em 1940. A curiosidade e a interdisciplinaridade já tracejavam a sua personalidade, tanto

que o jovem, de apenas 19 anos, matriculou-se, simultaneamente, nas faculdades de Letras, de Direito e de Ciências Políticas. Seus interesses naquele período se concentravam no cinema, na música, na literatura e na observação da natureza e da sociedade. Seus estudos em *Sorbonne* só foram interrompidos por conta da invasão alemã à França, mais um infortúnio credenciado à Segunda Guerra Mundial. Nahun só conseguirá a licenciatura universitária em 1942, quando se forma em Letras, em Geografia e em Direito.

Em paralelo aos estudos, em 1938, o parisiense passou a militar em uma corrente de estudantes defensores do socialismo de linhagem trotskista, que levantava a bandeira do nacionalismo, além de um rechaço à guerra. Com um interesse cada vez maior pelas ideologias advindas da União Soviética, Edgar acaba se inscrevendo nas fileiras do Partido Comunista Francês. O ano era 1941 e é neste período em que, vivendo na clandestinidade e contestando a invasão alemã em seu país, o jovem, então com 20 anos, muda o seu nome para Edgar Morin, nome com o qual se consagraria.

O posicionamento político favorável às fileiras comunistas de seu país eleva Morin, já em 1945, ao *status* de tenente-coronel do exército francês na zona de ocupação francesa em regiões fronteiriças após a Insurreição realizada no ano anterior. Nesta mesma época, em meio ao turbulento contexto do pós-guerra, Morin casa com a socióloga Violette Chapellaubeau, que foi sua colega de faculdade e já era sua companheira há quatro anos. No ano seguinte, decide deixar o exército e volta a morar em Paris, cidade na qual nascem suas duas únicas filhas, Iréne (1947) e Véronique (1948). Após o nascimento das filhas, a família resolve se mudar para Vanves, cidade na qual viviam com sérias dificuldades financeiras.

As atividades de Morin neste momento são a confecção de periódicos para o Partido Comunista e alguns trabalhos para o Ministério do Trabalho, voltados para os prisioneiros de guerra alemães na França. Em 1946, ele lança seu primeiro livro *O ano zero da Alemanha*, no qual exime o povo alemão de uma culpa coletiva pelas atrocidades ocorridas na guerra.

Cada vez mais sem ambiente no Partido Comunista, Morin permanece na legenda até meados de 1951, quando é expulso. Os principais motivos para sua saída foram às críticas à política implementada pelo General Tito na Iugoslávia e aos excessos do *stalinismo* soviético. Mesmo após a saída, continuou participando de comitês formados por intelectuais para a promoção da paz e contra a remilitarização da Alemanha, então em guerra contra a Argélia. No mesmo ano, integra a Comissão de Sociologia do Centro Nacional de Investigação Científica da França, onde permanece por seis anos. Lá ele passa a empreender pesquisas sobre uma temática que sempre lhe causou grande fascínio, o cinema. Àquela altura já era possível perceber o caminho transdisciplinar que iria percorrer por toda carreira.

Já em 1959, reúne esforços para a concretização do Centro de Estudos de Comunicação de Massa (Cecmas), juntamente com os estudiosos Roland Barthes e Georges Friedman. Seguindo esta linha, lança em 1962 a revista *Comunicações*, na qual foi diretor entre os anos de 1973 e 1990. Nos anos 60, além dos livros relacionados à comunicação, dedica-se a diversas atividades ligadas aos estudos multidisciplinares, participando de comitês, realizando intercâmbio em outros países e promovendo pesquisas. A mais importante delas aconteceu em maio de 1968, quando realizou uma análise das revoltas estudantis que emergiram na França neste período.

Em fins dos anos 60 e início da nova década, Morin participa ativamente da nova “revolução biológica” empreendida por Jonas Salk¹ na Califórnia, a partir de leituras do modelo de dupla hélice do código genético descoberto por Crick e Watson². O interesse de Morin nestes estudos era comprovar a relação entre os estudos biológicos nas ciências sociais e as possíveis conseqüências da “revolução biológica” no contexto da sociedade.

De volta à França e empolgado com as pesquisas, resolve, em conjunto com outros teóricos, tais como Jacques Monod e Salvatore Luna, lançar o Centro Internacional de Estudos Bioantropológicos e de Antropologia Fundamental, que a partir de 1972 se chamaria Centro Royaumont. Por essa época, Morin faz uma revisão de sua obra e seu sistema de pensamento. O contato com as teorias dos jogos, dos sistemas e da informação, além da cibernética, propicia uma mudança na forma de pensar do sociólogo. É neste momento que ele reconhece o ser humano como “fenômeno total” e multidisciplinar. Deste período, surgem os livros *O método* e *O paradigma perdido*, todos voltados para a linhagem da complexidade humana.

“A Complexidade é um tecido de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. A complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomenal. Mas então a complexidade, apresenta-se com os traços inquietantes da confusão, do inextricável, da desordem, da ambigüidade, da incerteza... Daí a necessidade, para o conhecimento, de pôr em ordem nos fenômenos ao rejeitar a desordem, de afastar o incerto, isto é, de selecionar os elementos de ordem e de certeza, de retirar a ambigüidade, de clarificar, de distinguir, de hierarquizar...” (MORIN,2001:20).

¹ Cientista americano que, além dos estudos bioantropológicos, foi um dos responsáveis pela descoberta da vacina contra a poliomielite.

² James Watson e Francis Crick revolucionaram os estudos sobre a genética, quando, em 1953 propuseram o modelo tridimensional para o DNA.

Em 1973, torna-se co-diretor do Centro de Estudos Transdisciplinares francês, cargo que exercerá até 1989. Nestes 16 anos, trabalha firmemente no projeto de *O método*, que a *posteriori* viria a ser sua obra mais importante. Já no primeiro ano da década de 90, preside o Comitê Nacional de Pesquisa Científica sobre “Ciências e Cidadãos”, onde tenta levar à prática o seu conceito de “democracia cognitiva”, em que imprime a crença de que a cidadania plena só acontece de fato quando o indivíduo tem acesso ao conhecimento científico.

Ainda nos anos 90, Edgar Morin foi convidado pelo Ministério da Educação da França para dar sugestões e planejar uma reforma na educação do país. Em 1999 recebe da Unesco o título de “Cátedra Itinerante do Pensamento Complexo”. Em 2001, torna-se presidente da Agência de Cultura Européia e recebe o título de diretor emérito do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França.

"A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade expandida e é a mais viva durante a infância e a adolescência, que com freqüência a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar." (MORIN, 2000: 21)

Atualmente, Morin vive em Paris e, aos 85 anos, segue na busca de intelectuais e acadêmicos dispostos a contribuir com seus estudos da complexidade humana, exercidos a partir da multidisciplinaridade. Ainda hoje, participa de palestras, debates e conferências, além de ter autorizado, recentemente, a criação de uma universidade em Hermosillo no México, que traceja linhas de pesquisa à luz dos seus estudos.

1.2 Obra

A produção literária de Edgar Morin é marcada pela intensidade e pela variedade de temáticas. Desde a primeira obra, datada de 1946, à última, lançada em 2004, o autor francês publicou cerca de 50 títulos. A preocupação no tratamento do ser humano como “fenômeno total” e não como ser isolado e departamentalizado, norteou boa parte desta produção, principalmente a partir dos anos 1970, quando deu início aos estudos da complexidade. Aplicar nas ciências sociais os conceitos de outras áreas do conhecimento, tais como a biologia, a psicanálise, a informática e a cibernética, foi a proposta central de seus principais estudos.

Esta preocupação com o ser humano já era identificada no primeiro livro de Morin, de 1946, intitulado *O ano zero da Alemanha*. Esta obra reflete o período em que o autor fez parte do exército francês na Alemanha. Nela, ele passa a limpo o histórico da Segunda Guerra Mundial tendo como *locus* do seu estudo, a população alemã, da qual exime da culpa pelos terrores do nazismo. Seguindo a temática de guerra, Morin lança, em 1951, *O homem e a morte*.

“A Terra-Mãe como metáfora só virá a florescer em toda a sua extensão nas civilizações agrárias, já históricas, o trabalhador Anteu colhe sua força no contato com a terra, sua matriz e horizonte, simbolizada na Grande Deusa... onde jazem seus antepassados, onde ele se julga fixado desde sempre. Com esta fixação ao solo, virá impor-se à magia da terra natal; que nos faz renascer por que é nossa mãe... É bem conhecida a dor do banido grego ou romano que não terá ninguém que lhe continue o culto como ficará separado para sempre da Terra-Mãe” (MORIN, 1988: 114)

No curso da década de 1950, o teórico postula as teorias desenvolvidas no comitê de sociologia do cinema do Centro Nacional de Investigação Científica da França, em dois livros sobre a sétima arte: em *O cinema ou o homem imaginário*,

de 1956, e em *As estrelas: mito e sedução do cinema*, Morin investiga as relações do campo real no imaginário humano.

Em continuidade aos projetos na área da construção do imaginário e da indústria do entretenimento, que se intensificam em meados do último século, o teórico lança, em 1965, o livro *Culturas de massa no século XX – O espírito do tempo*, que mais tarde, já na década de 70, receberia um segundo volume. Neste primeiro, que posteriormente ficaria conhecido como *Neurose* (o seguinte se chamaria *Necrose*), Morin traceja o surgimento de uma cultura do lazer, moldada como consequência do caráter industrial nas relações sociais e na mídia de massa. Neste período passa a se envolver com as revoltas sindicais e estudantis, viajando o mundo em busca destes fenômenos sociais.

No percurso entre 1969 e 1970, a carreira do autor francês tem um salto, quando ele é convidado para participar na Califórnia, Estados Unidos, da estruturação de um projeto bioantropológico, a partir da estruturação de uma visão ecológica aplicada à vida em sociedade, formulada por Jonas Salk. A partir desta incursão, Morin toma contato com uma série de teorias nas áreas de biologia, lógica, informática, cibernética e matemática que convergem aos seus estudos sociais. A síntese destes estudos seria esboçada em *O método*, que viria a ser lançado em 1977 e percorre todo o curso do pensamento do autor na década de 1970.

"(...) tomou a forma da Razão, a ideologia camuflou-se de ciência, a Salvação tomou forma política garantindo-se certificada pelas Leis da História. Além do mais, é nesse século que o (...) messianismo e niilismo se combatem, entrechocam-se e produzem-se um ao outro, a crise de um operando a ressurreição do outro" (MORIN, 1999, p.15-16)

Nos anos 80, Morin envereda pelos caminhos da complexidade humana e publica diversos títulos versando sobre esta temática. Os volumes “dois” (1980) e “três” (1986) de *O método*, além de *Ciência e consciência da complexidade* (1984) servem como exemplo. Com o foco cada vez mais voltado para este tema, a década seguinte é o momento para a consolidação deste intento teórico. São deste período *Introdução ao pensamento complexo* (1990), *Método IV* (1991) e *A complexidade humana* (1994).

“A cultura insere-se completamente na regressão dos instintos (programas genéticos) e na progressão das competências organizacionais, reforçada simultaneamente por essa regressão (juvenilizante) e por essa progressão (cerebralizante) necessária a esta e aquela. Ela constitui um "tape-recorder", um capital organizacional, uma matriz informacional, apta a nutrir as competências cerebrais, a orientar estratégias heurísticas, a programar os comportamentos sociais.” (MORIN, 1991: 85)

No final do último século e início do XXI, por conta do convite para coordenar a reforma educacional francesa, Morin postulou algumas obras de abordagem pedagógica. Destacam-se, nesta fase, *Os sete saberes necessários para a educação do futuro* (2000) e *Educar na era planetária* (2002). O último livro lançado por Edgar Morin foi *Religando fronteiras*, de 2004, editado pela Universidade de Passo Fundo no Rio Grande do Sul, em associação com o Sesc de São Paulo, no qual é co-autor com mais quatro autores brasileiros.

1.3 Culturas de massa no século XXI?

Escrito entre 1960 e 1962, *L'esprit du temp*, título original do livro *Culturas de Massa no século XX – O espírito do tempo*, reflete os anos de estudos do autor francês no Comitê de Sociologia no Centro Nacional de Investigação Científica da França no decênio anterior. Erigido a partir da observância da

gênese de uma cultura de lazer inserida no contexto de pós-revolução industrial, e conseqüente ascensão de uma sociedade massiva, a obra pretende trazer à baila, os mecanismos utilizados nas relações temporais do sujeito moderno inserido no contexto da cultura de massa.

Na década de 70, o livro ganhou um segundo volume, em complemento ao primeiro tomo. A partir desta continuidade, *O espírito do tempo* passaria a ser constituído pelos volumes *Neurose* e *Necrose*.

No prefácio à terceira edição de *Culturas de Massa no século XX – Neurose*, o filósofo explica as motivações que o levaram a adicionar outro volume à obra. A justificativa para este acréscimo é credenciada ao que definiu com a seguinte justificativa: “(...) a sensação de bem-estar promovida pela cultura de massa erigiu movimentos de contra-cultura e rebeldia” (1974: p.07). Neste caso, Morin faz referência aos movimentos feministas da década de 60 e às revoltas juvenis de maio de 1968. Como o foco deste projeto é o volume *Neurose* de *O espírito do tempo*, os conceitos a serem apresentados para posterior análise integram o primeiro tomo.

Um dos principais atores da chamada “cultura do lazer”, pautada nos moldes industriais, explicitada no volume “um”, é a chamada mídia de massa, que abarca os veículos difusores da informação nascidos no contexto de pós-revolução industrial, tais como o cinema, o rádio e a televisão. Os jornais e revistas, existentes desde o século XIX, também participariam deste fluxo massivo e acabariam por se fortalecer dentro do contexto de indústria cultural.

Dentre os conceitos firmados pela obra para a comunicação de massa, destaca-se a questão da relação projeção-identificação por parte do receptor que, de acordo com o autor, era o agente promotor da catarse ou da neurose, que são

mecanismos psicológicos assegurados pelas produções dos *mass media*, provocando sensações de alívio e de acúmulo de tensões, respectivamente.

De acordo com os postulados de *Culturas de massa no século XX*, o caráter industrial proposto à sociedade do século XIX alterou os processos de produção e chegou às relações culturais em meados do último século. Na obra, fica explicitado que a “sociedade industrial” possui como seu equivalente nos campos estéticos, a chamada “cultura de massa”.

Na primeira parte do livro, Morin trata de abordar a formação desta “cultura de massa”. Intitulada “A integração cultural”, esta etapa identifica o contexto no qual emerge esta nova cultura, o auxílio fornecido pelos novos meios de comunicação na constituição do caráter industrial nos campos artísticos e culturais, a formação e a caracterização da lógica do grande público, a moldagem da produção em tamanhos e formatos estandardizados, a ruptura com a alta cultura, a ascensão de uma cultura do lazer e as relações estéticas envolvidas nessa contextualização.

Desta análise, o filósofo extrai algumas conceituações que nortearão a segunda parte da obra, “Uma mitologia moderna”. Dentre as principais, estão o caráter cosmopolita, a transformação da criação artística em produção, a tentativa de atingir ao máximo público, a tendência a padronização em detrimento à inventividade, a integração do real com o imaginário, o aprofundamento do *voyeurismo* nas relações entre produtor e espectador e a associação entre o sagrado e o profano nas relações culturais propostas pelo modelo vigente a partir do século XX.

Vale lembrar que, mesmo ao chegar a estas conclusões, Edgar Morin se veda de qualquer juízo de valores, aproveitando de um conceito explicitado por

Umberto Eco³, anos depois, quanto a uma postura apocalíptica, favorável à alta cultura, como defendida pelos estudiosos da Escola de Frankfurt⁴, ou integrada, conforme a leitura empreendida pelos produtores de rádio e televisão, então os veículos-símbolos desta “cultura de massa”. Esta assertiva se concretiza com a conclusão do quarto capítulo da primeira parte da obra, dedicado à arte e a mídia.

“(…) A velha ‘alta cultura’ tinha horror ao que revolucionava as idéias e as formas. Os criadores se esgotavam sem impor sua obra. Não houve idade de ouro na cultura antes da cultura industrial. E esta também não anuncia esta idade de ouro. Em seu movimento, ela traz mais possibilidades que a antiga cultura congelada, mas em sua procura da qualidade média destrói essas possibilidades. Sob outras formas, a luta entre o conformismo e a criação, o modelo congelado e a invenção continuam.” (MORIN, 1997: p.52)

Outros dois conceitos elaborados pelo autor, merecem destaque na primeira parte da obra: o de *bovarismo* e o de *olimpianos*. O *bovarismo* refere-se ao livro *Madame Bovary*⁵, de Gustave Flaubert, que aborda a cultura da pessoa particular, das necessidades da alma e do amor, utilizado por Morin para dar vazão ao caráter romanesco inserido nas produções da cultura de massa.

“A corrente bovarizante que é de integrar o real no imaginário, o imaginário no real, se ramificará de maneira múltipla: o ‘eu’ do autor e o ‘eu’ do herói poder-se-ão confundir e, finalmente, o romancista procurará continuamente transformar o real na lembrança, transformar a si mesmo por sua obra e na sua obra.” (MORIN, 1997: p. 58)

Já os *olimpianos* aparecem no capítulo dedicado à cultura do lazer e, posteriormente, em um trecho da segunda parte, dedicado exclusivamente a eles.

De acordo com os preceitos do autor, eles representam o modelo ideal de vida e

³ (ECO, 1976)

⁴ Instituto de Pesquisa Social surgido na Alemanha em 1924, que se notabilizou pelo desenvolvimento da Teoria Crítica e revelou ao mundo os filósofos Max Horkheimer, Teodor Adorno, Herbert Marcuse e Walter Benjamin.

⁵ (FLAUBERT: 1970)

a suprema aspiração dos “pobres mortais”. São os habitantes do “Olimpo” da modernidade, sendo representados pelos artistas, vedetes, esportistas e líderes políticos ou religiosos.

“Esses *olimpianos* propõem o modelo ideal da vida de lazer, sua suprema aspiração. Vivem segundo a ética da felicidade e do prazer, do jogo e do espetáculo. Essa exaltação simultânea da vida privada, do espetáculo, do jogo é aquela mesma do lazer, e aquela mesma da cultura de massa.” (MORIN, 1997: 75)

A importância destas duas conceituações será notável para o entendimento da segunda parte da obra, já que Morin introduzirá, nesta etapa, os atores constituintes do modelo característico do último século do milênio. Em “Uma mitologia moderna”, o autor traceja um paralelo entre os atores da chamada cultura de massa e as entidades mitológicas.

Dentre estas mitologias, têm-se a representação da juventude, do amor, do tempo, da felicidade, do erotismo, da teatralidade, da simpatia e da feminilidade. Todas representadas pela realização do imaginário através de mitos colocados, principalmente, pelos meios de comunicação de massa, notadamente, a televisão, o rádio e o cinema. Os reflexos na vida cotidiana da sociedade podem ser mensurados na relação supracitada de projeção e de identificação, que regularia esta série de anseios comuns à sociedade envolvida no seio da cultura de massa.

Conhecido por sua vocação multidisciplinar, Edgar Morin insere no livro o seu conhecimento dos mecanismos de comunicação, do cinema, da psicanálise, da mitologia grega, dos estudos sociais e da antropologia humana. E, após o distanciamento de 44 anos da escrita dos postulados, defende-se nessa monografia a tese de que independentemente das mudanças ocorridas no processo de comunicação e da vida em sociedade, este livro ainda é referência

nos estudos midiáticos no alvorecer de um novo milênio, comprovando a atualidade dos conceitos propostos pelo autor.

1.4 “Os vasos comunicantes”

No nono capítulo de *Culturas de massa no século XX – Volume I*, há a conceituação de uma das mitologias modernas, colocadas na segunda parte do livro. Intitulado “Os vasos comunicantes”, este trecho da obra trata do estreitamento das relações do real com o imaginário no campo da informação, mais precisamente nos *mass media*.

“Desde o século XIX, o romance-folhetim e o conto foram introduzidos no jornal. Mas é no começo do século XX que o imaginário arrebenta sobre os *mass media*. Forma-se uma imprensa periódica, exclusivamente romanesca (sentimental, aventureira ou policial). O cinematógrafo se transforma em espetáculo e se dedica principalmente aos filmes de ficção. Depois o rádio se torna o grande veículo das canções e dos jogos, seguido pela televisão.” (MORIN, 1997:98)

De acordo com o capítulo, a presença desta imprensa “romanesca”, logo vai ultrapassar as fronteiras de seus periódicos exclusivos e ganhar corpo nos programas e nas sessões dedicadas à informação do fato real. A partir deste contexto, a imprensa com a gênese do rádio e da televisão, apoiada pelos jornais e pelo cinema, constituiria a narrativa das informações permeadas pelo recurso da dramatização. E mais: o avanço do imaginário seria tão forte, que ele se tornaria preponderante no enfoque e na eleição dos assuntos a serem tratados nos noticiários.

Segundo Morin, este estreitamento das relações da dramatização e da informação implica em algumas conseqüências no interior da cultura de massa, tais como, a vedetização dos personagens da vida cotidiana e a ascensão dos

chamados *fait divers* ou “fatos variados” na pauta do dia. Para o sociólogo francês, o toque e o interesse humano tendem a vedetizar e, conseqüentemente, transformar em *olimpiano*, tudo o que possa ser comovente, excepcional ou sensacional.

“Fazendo vedete de tudo que pode ser comovente, sensacional, excepcional, a imprensa de massa faz vedete de tudo o que diz respeito às próprias vedetes: suas conversas, beijos, confidências, disputas são transmitidas através dos artigos falatórios, flashes, como se o leitor fosse o *voyeur* de um grande espetáculo, de um *super show* permanente cujos deuses seriam os atores.” (MORIN, 1997: 99)

Quanto aos *fait divers*, o autor faz a seguinte menção:

“Os fatos variados não são acontecimentos que informam o andamento do mundo; são, em comparação com a história, atos gratuitos. Mas esses atos afirmam a presença da paixão, da morte e do destino, para o leitor que domina as extremas virulências de suas paixões, proíbe seus instintos e se abriga contra os perigos.” (MORIN, 1997:100)

Este caráter de vedetização da informação dos fatos variados promove o que o sociólogo francês chamaria de “informação *olimpiana*”, do que Morin explicaria em sua obra que “o personagem vedete é privilegiado e privilegia as situações que, para o comum dos mortais, estariam mergulhadas no anonimato” (1997: p. 101).

A cadeia de informações romanceadas e vedetizadas, por um lado, acrescidas do sensacionalismo, por outro, tratariam de fornecer a configuração necessária para promover os mecanismos de projeção e de identificação, concedendo aos noticiários jornalísticos características comuns aos filmes, às novelas e aos romances. Desta forma, conforme evidenciado pelo autor, a matéria informativa privilegiada seria àquela que apresentasse as estruturas

afetivas do imaginário. Com este paradigma, resta aos produtores estruturar a informação de modo romanesco ou teatral para assim obter a atenção máxima do público exposto a determinada produção midiática.

“(…) O sensacionalismo funciona como tragédia, a vedetização funciona como mitologia. Por certo, a projeção-identificação intervém em todas as relações humanas, desde que sejam coloridas de afetividade. (...) mas o importante aqui é salientar que a irrupção da cultura de massa na informação desenvolve em determinado tipo de relações de projeção e de identificação que vão no sentido do romanesco, da tragédia e da mitologia.” (MORIN, 1997:101)

Como conseqüência à política desenvolvida nesta relação, ascende o contato consumista entre a cultura de massa e seus espectadores. Outrossim, os espaços em que ela prolifera se tornam os celeiros mais convidativos para a entrada da publicidade, local em que esta encontrará a máxima eficácia em suas ações.

Outro terreno que vai conseguir atingir ao máximo a relação romanesca e dramatizada é a televisão, que dará visibilidade para as ações concernentes à cultura de massa, fato vedado ao rádio, ao jornal e à revista. Com a característica audiovisual da televisão, a exploração do imaginário no real passava a ter rosto obtendo, conseqüentemente, terreno fértil para um impacto favorável entre a cultura e o seu público. A televisão, que será foco do próximo capítulo deste estudo.

2 – A caixa de sons e imagens

Unindo o áudio, já responsável pela grande reviravolta nos meios de comunicação com o rádio, ao visual, a televisão se consolidou, a partir da segunda metade do século XX, como o principal *mass media* e, por consequência, passou a influir sobremaneira na vida de seus adeptos, ou seja, espectadores.

O jornalismo teve papel fundamental neste contexto, marcado por influências no contexto político e econômico. No Brasil, os últimos 56 anos experimentaram diversas mudanças na configuração da caixa de sons e imagens, que viu ascender o *Jornal Nacional* e uma imprensa especializada no telejornalismo esportivo.

2.1 – Dos primórdios à configuração jornalística

Resultado de experimentos que remontam ao início do século XIX e percorrem os 20 primeiros anos do século XX, a televisão precisou de mais três décadas para se consolidar como o principal meio de comunicação de massa. Da transmissão realizada por John Lodgie Baird na Inglaterra, em 1925, até a chegada das grandes corporações, como a BBC em Londres, e a CBS e a NBC nos Estados Unidos, muita coisa aconteceu nos meios de comunicação de massa, destacando-se aí, a passagem do sistema de rádio para o sistema televisivo como forma hegemônica nos *mass media*.

Deixando de lado os progressos técnicos, bem como as nuances que nortearam a consolidação da televisão e antes de passar a limpo o histórico do telejornalismo, cabe a enunciação de algumas dicotomias envolvendo questões político-econômicas e estilísticas da televisão. O olhar a partir dessas dualidades

faz parte das propostas do autor francês, Dominique Wolton, em seu *Elogio do Grande Público*, de 1996. Wolton refere-se, no campo político-econômico, à dualidade entre televisão comercial e televisão estatal. Na esfera estilística, o duelo entre tevê geralista e tevê temática.

A divisão em tevê comercial e estatal começa com o fim da Segunda Guerra Mundial e põe em antagonismo, os modelos praticados por duas grandes potências: de um lado, os Estados Unidos da América, com sua atribuição comercial ao veículo televisivo, e de outro, a televisão estatal caracterizada na Europa especialmente a partir do caso francês.

O caráter meramente comercial, característico da maior potência capitalista, nortearia, de acordo com WOLTON (1996), à busca do máximo lucro, com uma visão mais economicista do meio televisivo. Como benefícios, há a busca do atendimento dos interesses pautados pela audiência, o que traria, de fato, uma programação mais atrativa. A concorrência é outro fator que contribui para o aumento da qualidade na programação televisiva, nas colocações do autor.

Em contrapartida, o interesse em atender aos anseios dos patrocinadores, que traziam subsídios financeiros, essenciais para a manutenção da televisão comercial, era um empecilho na constituição de produções de qualidade. Como forma de atrair estes investimentos, a tevê deveria abranger ao máximo público, o que muitas vezes, poderia ser apontado como a causa do empobrecimento da linguagem neste meio.

Com relação ao processo estatal desenvolvido nas terras da Europa Ocidental, WOLTON (1996) afirma que nestes países o processo apresentou outros benefícios e contradições. Um ponto favorável é o descompromisso em ter

que atender aos anseios de patrocinadores, fornecendo maior liberdade aos produtores, que poderiam assim, pautar seu trabalho com mais experimentalismo e liberdade. A pecha negativa fica por conta da intervenção estatal que, vez por outra, pôde usar do veículo televisivo para dar contornos favoráveis à política praticada pelo poder vigente. Outro fator negativo toma conta do inverso da televisão comercial: a não concorrência. Sem ela, pode haver uma desmotivação na tentativa de produzir projetos de melhor qualidade e em um formato mais agradável para o público espectador.

Com a abertura de licitações para a instalação de emissoras de televisão comerciais na Europa, a partir da década de 80 do último século, ocorreu uma aproximação do modelo que é praticado na televisão feita pelos Estados Unidos. De acordo com o autor francês esse fato, associado à bagagem de uma televisão que até então não era pautada pelos ditames do mercado, pode produzir uma interessante síntese.

“É preciso ser ‘moderno e empreendedor’, inventar a televisão de amanhã e parar de se esconder atrás de ‘um projeto de televisão’ cuja superada sedução tudo deve à nostalgia. Entre o arcaísmo da televisão estatal, muitas vezes politizada, e o jogo da concorrência aberta, todos parecem preferir o segundo. Isto significa que a modernidade aprova os riscos.” (WOLTON, 1996:35)

Outra discussão, mais em voga com o advento do fim do milênio, tratada por WOLTON (1996), refere-se aos modelos de televisão geralista e temática. A televisão geralista, modelo ao qual pertencem os canais abertos, é caracterizada pela existência de programas informativos mais abrangentes e com menos aprofundamento e reflexão em suas abordagens. Ela propõe fornecer uma suma dos principais acontecimentos e tendências para compor o *corpus* de suas

produções. Como vantagens, apresenta um leque maior de informações e editorias, possui uma programação mais completa e pode fornecer ao espectador uma síntese de diversos temas. As principais desvantagens deste modelo são a superficialidade no tratamento dos assuntos expostos e a tendência à criação de estereótipos a partir da generalização.

Partindo destas desvantagens, o modelo temático vem com o discurso de desconstrução do posicionamento sintético da televisão geralista. Produzindo uma programação monotemática, somada aos assuntos que o circundam, a tevê temática propõe o aprofundamento nas informações, fornecendo ao espectador um detalhamento maior, impossível para a televisão geralista. Encontrado nos canais a cabo e por assinatura, este modelo encontra abrigo nas editorias de cultura, esporte, religião, política, economia e programas telejornalísticos. Dentre as desvantagens deste modelo estão a incapacidade, própria do meio televisivo, de conferir um aprofundamento às informações e a recorrência do formato de televisão geralista inserido no nível micro da tevê temática, pautando a programação e as produções. Wolton tem reservas quanto a este modelo.

“(...) Essa lógica da especialização é extrema, uma vez que se trata de oferecer um número muito limitado de gêneros de programas. (...) Ela se torna o símbolo da latitude da escolha do espectador, e mais amplamente a do indivíduo plenamente livre, tão cara à nossa filosofia individualista democrática. (WOLTON, 1996: 103)

O jornalismo televisivo

De acordo com COUTINHO (2003), o jornalismo televisivo surgiu como categoria somente no decênio de 1950. O surgimento do telejornalismo foi caracterizado pela ausência de estilos, orientação e linguagem. As imagens eram simples registros e, por vezes, chegavam até a trazer alguns prejuízos para as

informações prestadas ao público. Esta configuração permanece mantida até meados da década de 60.

A chegada do homem à lua, em 20 de julho de 1969, é quem traz novo alento ao telejornalismo. A transmissão televisiva do “pequeno passo para o homem, mas um grande passo para a humanidade”⁶, foi decisiva para uma nova leitura do jornalismo neste meio de comunicação de massa.

“(…) a chegada do homem à Lua, transmitida pela TV simultaneamente em todo o mundo, se torna o marco de ruptura do modelo. A transmissão ao vivo dos passos dados por Neil Armstrong em solo lunar, onde fincou a bandeira americana, poderia ser considerada uma espécie de acontecimento midiático, conforme o conceito impresso por Dayan e Katz (1999), e trouxe a credibilidade necessária ao jornalismo de televisão.” (COUTINHO, 2003:53)

Foi só na década seguinte que a televisão passou a obter jornalistas exclusivos para esta mídia, fornecendo mais credibilidade para o telejornalismo, bem como um maior comprometimento nas ações informativas. As informações na TV passaram a oferecer ao telespectador diferentes gêneros, como: notícia, reportagem, crônica ou entrevista. Em paralelo, é na mesma década de 70 que surgem no Brasil os primeiros estudos acadêmicos voltados para a televisão.

Com a profissionalização do telejornalismo, tornaram-se perceptíveis algumas constatações sobre o jornalismo em vídeo, até então não identificadas na fase amadorística do início da segunda metade do século. Uma delas é a capacidade de unir a narrativa do fato jornalístico com o entretenimento. COUTINHO (2003) ressalta outra característica do recém-profissionalizado jornalismo do período:

⁶ Frase credenciada ao astronauta Neil Armstrong logo que pisou em solo lunar.

“Também é na década de 70 que a forma de encadeamento das notícias, na televisão, passa a contar com a figura de um apresentador do telejornal, espécie de mestre-de-cerimônias que conduziria os telespectadores às informações oferecidas no programa. E se os apresentadores dos noticiários passam a ocupar um papel de destaque na caracterização da notícia televisiva, o mesmo ocorre com os repórteres de TV”. (COUTINHO, 2003: 54).

A passagem do amadorismo à profissionalização foi digerida durante as três últimas décadas, acentuando algumas características que se transmutaram em uma série de críticas ao jornalismo do meio televisivo, tais como a repetição, o pouco poder de profundidade, a propensão ao drama, a simplicidade e a tendência a tratar como verdadeira a versão em detrimento do fato. Um destes críticos é o filósofo francês, Pierre Bourdieu, que em seu livro *Sobre a Televisão*, de 2002, faz uma severa análise das práticas audiovisuais como, por exemplo, na utilização do tempo.

Ora, o tempo é algo extremamente raro na televisão. E se minutos tão preciosos são empregados para dizer coisas fúteis, é que essas coisas tão fúteis são de fato muito importantes na medida em que ocultam coisas preciosas. (...) ao insistir nas variedades, preenchendo esse tempo raro com o vazio, com nada ou quase nada, afastam-se as informações pertinentes que deveria possuir o cidadão para exercer seus direitos democráticos. (BOURDIEU, 2000:23 e 24)

Sobre a tida “má utilização” da caixa de sons e imagens, Jésus Martin Barbero e German Rey, em 2004, no livro *Exercícios do Ver*, contribuem para as discussões do tema saindo em defesa da televisão, com uma proposta de educar previamente o cidadão para assisti-la.

(...) enquanto os filhos das classes mais abastadas entram em interação com o ecossistema informacional e comunicativo, a partir de seu próprio lar, os filhos das classes populares (...) estão sendo excluídos do novo campo laboral e profissional que a cultura tecnológica prefigura. Daí a importância estratégica cobrada hoje por uma escola capaz de um uso

criativo e crítico das mídias audiovisuais e das tecnologias informáticas.
(BARBERO & REY, 2004: 62)

Independentemente da postura exaltada de alguns estudiosos acadêmicos, a televisão traz nas mangas alguns coringas que são característicos e tão somente dela, em detrimento de outras formas tidas como “culturas de massa”, conservadas até a chegada da internet e seu hipertexto. São elas: o caráter presencial, a facilidade de apreensão por parte do espectador à informação veiculada e o apoio imagético, que é o “pulo do gato” na comparação com o rádio e com o jornal impresso. Sobre o caráter presencial ROGLÁN & EQUIZA (1996) observam:

“O jornalista de televisão não só confirma no vídeo que está no local em que ocorrem os fatos, como também toma parte da ação que se desenrola e de certa maneira convida o telespectador a acompanhá-lo e ser, como ele, uma espécie de testemunha, a participar de forma plena do acontecimento noticiado. Em função disso, em primeiro lugar, também é muito importante a imagem que o jornalista de televisão transmite de si mesmo para o público.” (ROGLÁN & EQUIZA, 1996, p.61).

Com a inserção cada vez mais freqüente da televisão temática nos canais a cabo e por assinatura, o telejornalismo pode reservar novas diretrizes para os próximos anos, ainda não observadas no contexto acadêmico atual. A tendência à regionalização dos noticiários, cada vez mais comum nas emissoras de tevê aberta e nos pequenos canais e produtoras experimentais, pode direcionar o rumo do jornalismo televisivo a novos caminhos, não pautados pela configuração estatal e empresarial, característica após a segunda guerra.

2.2 – O caso tupiniquim

“Máquina que dará asas à fantasia mais caprichosa e poderá juntar os grupos mais afastados”. Com esta frase, o empresário, jornalista e advogado, Assis Chateaubriand, manifestou a sua opinião sobre o novo meio de comunicação, quando da inauguração, em 18 de setembro de 1950, da TV Tupi de São Paulo, primeira emissora a funcionar no país. Graças ao empenho de Chatô, como era conhecido, 200 aparelhos receptores foram instalados em vários pontos da cidade paulistana para que as pessoas pudessem acompanhar o primeiro programa de TV produzido em solo brasileiro, um marco para a comunicação do país.

Com características muito pautadas no rádio, a primeira década da trajetória da TV foi recheada de improvisos e de amadorismos, dada a falta de recursos e de patrocinadores. Mesmo com estas dificuldades, foi neste período que nasceram quatro outras emissoras de tevê no Brasil: a TV Paulista (1952), de Vítor Costa, a TV Record (1953), de Paulo Machado de Carvalho, a TV Itacolomy, lotada em Belo Horizonte, e, por fim, a paulistana TV Excelsior, ambas fundadas em 1959. Vale ressaltar que, ainda na década dos 50, a TV Tupi abriu outra unidade no Rio de Janeiro, assim como a Record.

O decênio dos 60 inaugura um novo modelo para a televisão, que passa a ganhar as casas, em clara referência à queda do custo do aparelho receptor. Pautada por um considerável nível de audiência e com uma programação mais diversificada, a televisão ganha cada vez mais adeptos oriundos do rádio, que migraram para as maravilhas do audiovisual. Recheada de teleteatros, novelas, programas humorísticos e de auditório, além de um jornalismo de caracteres amadores, a televisão encontrou uma configuração de competição entre as

emissoras existentes. É neste momento que se erigem os primeiros fenômenos midiáticos, tal como a novela *O direito de nascer*, da TV Tupi, em 1964.

É na década de 60 que, por conta do Golpe Militar de 1964, que culminaria em mais de 20 anos de ditadura, se instaura a censura prévia, triste nota para os meios de comunicação brasileiros. Como reflexos desta etapa, têm-se a perseguição às produções da TV Excelsior, que viria a ter sua concessão cassada em 1970, por ser divergente ao novo arranjo político implantado no Brasil; a abertura da TV Globo, em 1965, que viria a se tornar a maior emissora do país, e da TV Bandeirantes, em 1967. Sobre a futura montagem de estrutura da Rede Globo e a ênfase no jornalismo, MELO (1988) descreve:

"Suas estações geradoras empregam cerca de 8 mil profissionais e toda a rede possibilita a criação de 35 mil empregos indiretos. Somente no setor de ficção trabalham 1.500 profissionais, incluindo diretores, atores e figurantes. O maior investimento da rede está localizado, porém, no setor de jornalismo, que consome 45% dos custos totais de produção. A ênfase no jornalismo corresponde à consecução de uma política que ensejou a ascensão da emissora-líder, nos idos de 1965, e que vem sendo responsável pela manutenção do interesse permanente dos telespectadores" (MELO, 1988:20).

Coordenando com mãos-de-ferro a programação, a ditadura militar utilizou a televisão brasileira como artifício para a sua política e para a aquisição de adeptos. Nesta fase, a tevê tupiniquim ganha a versão em cores e as produções passam a ter uma roupagem cada vez mais profissional, tônica em pauta no mundo todo.

A abertura política dos anos 80 surtiu reflexos positivos na caixa de sons e imagens. O fim da censura e a campanha para as *Diretas Já* ganharam a "telinha" e, em 1988, a nova constituição promulgada garante o direito à liberdade de expressão e à informação jornalística. Neste período são criadas duas novas

emissoras no país: o SBT (1981), do empresário Sílvio Santos, e a TV Manchete (1983), de Adolfo Bloch.

“A rede Manchete (1983) especializou-se em informação. É mais elitista que a Globo e privilegia igualmente os debates na sociedade. A partir de 1980, em compensação, o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) tentou, por meio de jogos e das transmissões ao vivo, uma televisão mais popular, ou mais populista do que a Globo. A Bandeirantes (1977) ocupa um nicho tão rentável nos Estados Unidos quanto na Europa, o de esportes, filmes e informação.” (WOLTON, 1996:161)

Permeado pelo fim da guerra fria e do mundo bipolarizado, o decênio de 90, inaugura a chamada globalização. Com ela, nascem o conceito de TV por assinatura (tevé temática) e as tecnologias via satélite e a cabo, que proporcionariam ao espectador a possibilidade de assistir produções de todos os locais do globo terrestre.

Outra característica marcante do meio televisivo brasileiro dos anos 90 é o primeiro flerte com a interatividade, com programas pautados na opinião da audiência, como o “Você decide”, da Rede Globo. Deste período é notável também, o aparecimento maciço de programas sensacionalistas e de temática policial, como “Aqui agora”, do SBT, “Programa do Ratinho” (CNT, Record e, posteriormente, SBT), “Na rota do crime”, da Manchete, e “Linha Direta”, da Globo.

O novo milênio trouxe novas perspectivas para as sementes plantadas no fim do século XX. A participação interativa permeia quase toda a programação, utilizando a rede mundial de computadores, a internet. A globalização traz para os milhões de brasileiros as informações com uma velocidade cada vez mais rápida, mapeando o mundo de um pólo a outro. O modelo de tévé temático por

assinatura é uma realidade indiscutível, ainda que, a grande maioria da população tenha acesso apenas ao modelo geralista e seus canais da televisão aberta.

Sobre a televisão aberta no Brasil, o ano de 2006 marca a instalação de um novo dispositivo que pode enunciar melhorias na qualidade da recepção do espectador: a TV digital, que funcionará nos sistemas de HDTV (High Definition Television) e SDTV (System Digital Television), a partir de um decreto do Ministério das Comunicações⁷. HOINEFF explica um destes modelos, no livro *TV em expansão*.

“Em sua configuração mais sedimentada até agora, a TV de alta definição (High Definition Television, ou simplesmente HDTV) opera com 1125 linhas de varredura horizontal e 60HZ, o que em certas condições de luminosidade e movimento chega a ser similar à imagem produzida por uma película cinematográfica de 35 milímetros.” (HOINEFF, 1991: 115 e 116)

O telejornalismo brasileiro

Com gênese indissociável à chegada do meio televisivo, a história do telejornalismo se mistura com a constituição da tevê tupiniquim. Baseado no tripé imediatismo, imagem e informação, esta categoria televisiva é a maior fonte de informação do povo brasileiro, quando não é a única, dada às carências de educação e ao acesso a outros tipos de informação.

Já no dia seguinte à estréia da TV Tupi, em 18 de setembro de 1950, foi apresentada a primeira atração de formato jornalístico, o “telejornal” *Imagens do dia*, que tinha apresentação de Maurício Gama. Dois anos mais tarde, na mesma emissora, entrava no ar o *Telejornal Panair*, logo substituído pelo *Repórter Esso*, que trazia o *know how* de anos de sucesso no rádio, confirmados a *posteriori* na

⁷ Decreto nº 5.820, de 29 de junho de 2006.

televisão. As produções jornalísticas da década de 50 trouxeram como principais características o atendimento aos interesses das multinacionais que patrocinavam os jornais, poucas imagens e empecilhos em transmitir fatos com rapidez e ineditismo em relação ao rádio, dada às dificuldades de locomover câmeras e equipamentos em eventos externos. Em linhas gerais os jornais da TV mantinham o modelo radiofônico.

O decênio dos 60 trouxe consideráveis avanços técnicos, como a possibilidade de gravação de *vídeo tapes* e câmeras mais portáteis e com novos recursos. Estas vantagens, porém, não repercutiram em progressos no tratamento das imagens, que continuavam mero complemento do áudio. Na contramão deste processo, os programas sim, evoluíram com as experiências dos anos 50. Exemplo disso foi o *Jornal de Vanguarda* (1962), da TV Record, que inovava da concepção da produção até ao perfil dos apresentadores. São desta década também, a consolidação do *Repórter Esso* e o surgimento do principal telejornal brasileiro, em toda a história de 56 anos de tevê no país, o *Jornal Nacional* (1969), da Rede Globo.

O telejornalismo, assim como todas as esferas da cultura nacional, sofreu com a censura imposta pela assinatura do Ato Institucional nº 05 pelo governo militar em 1968. Esta limitação pautaria o telejornalismo durante toda a década de 70, que é quando esta categoria assume contornos de similaridade ao modelo praticado pelos Estados Unidos, com apresentadores de frente às câmeras e jornalista nos bastidores. Por estes anos acontece um *boom* no telejornalismo brasileiro com uma gama maior de opções e tentativas estilísticas, além de mais profissionalismo nas produções.

Os anos 80 trazem a boa nova do fim da censura e a liberdade irrestrita à expressão e à cobertura jornalística brasileira. O episódio que marca esta reabertura política e o jornalismo livre é o movimento “Diretas já”, em solicitação às eleições para os cargos políticos pelo voto popular. A televisão veicula cada lance deste evento e dá ênfase a mobilização que ganha todo o país⁸. A década registra ainda a constituição de telejornais que marcaram época: o *Jornal da Manchete* (1983) e o *TJ Brasil* (1988), das jovens emissoras Rede Manchete e SBT, respectivamente. Ambas traziam nova linguagem e chegaram a disputar a preferência da audiência com relação ao todo-poderoso *Jornal Nacional*.

Em 1990, surge o *Aqui agora*, também no SBT, com uma linguagem mais pautada na simplicidade, visando a atingir o público das camadas mais baixas da população. O mote para a conquista deste objetivo foi trazer à pauta um noticiário recheado de sensacionalismo, com a cobertura de fatos relacionados à editoria policial. Já no fim dos anos 90, começa a acontecer no Brasil a difusão cada vez mais maciça dos canais por assinatura e a cabo, com canais específicos de noticiários, como é o caso da *Globo News*. O próprio *Jornal Nacional* passa por uma série de reformulações, como será visto a seguir.

O século XXI traz novas perspectivas para o telejornalismo brasileiro. Com uma tendência à regionalização dos noticiários e com a ascensão da chamada mídia independente surgem novas configurações que demonstram a possibilidade da criação de novos modelos e sínteses para esta categoria televisiva.

⁸ Mesmo com a indicação de que o direcionamento político findaria a ditadura, com os acenos do fim da censura prévia no fim da década de 1970, a Rede Globo não participou de forma ativa do movimento “Diretas Já”.

O Jornal Nacional

Criado pela Rede Globo em 1969 para combater o estrondoso sucesso de *Repórter Esso* da TV Tupi, o *Jornal Nacional* (JN) foi parte de uma sagaz estratégia: inserir o noticiário entre duas telenovelas, carro-chefe da emissora carioca. Com isso, a expectativa era manter o televisor ligado na emissora, a partir da audiência conquistada nas tramas novelescas.

A estrutura era vultosa e trazia para o público brasileiro a primeira transmissão em rede que se tem notícia em solo tupiniquim, abrangendo os estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Curitiba. A tecnologia utilizada para que o *Jornal Nacional* pudesse ser transmitido em rede foi inspirada no modelo americano de televisão.

Apresentado por Hilton Gomes e Cid Moreira e dirigido por Armando Nogueira, o telejornal foi pautado por uma linguagem simples, direta e objetiva. Acusado de ser o porta-voz da ditadura militar, o *Jornal Nacional* ganhou público e audiência na década de 1970, com a fama de que disfarçava os problemas do país, demonstrando sintonia com o aparato político do governo vigente. Neste período a emissora passa a transmitir o JN para todo o país e a estrutura em torno do telejornal recebe mais e mais subsídios. Em concordância com o crescimento da Rede Globo, a produção torna-se cada vez mais forte e poderosa.

“O *Jornal Nacional* (...) inaugurou um novo estilo de jornalismo na TV brasileira. Primeiro, por iniciar a era do jornal em rede nacional, até então inédito entre nós. Depois, por consolidar um modelo de *timing* da informação em que a fragmentação dos fatos em espaços de tempo curtíssimos e a obsessão pelo que ocorre “agora” é tão grande que chega ao ponto de quase eliminar informações de *background* que ajudariam o espectador a localizar-se e transformar o noticiário numa espécie de novela de fatos reais.” (SILVA, 1983:38).

Com a abertura política acenada na década de 80, o telejornal muda seu conteúdo para acompanhar o anseio do público, ávido por tomar posse dos direitos que haviam sido impedidos à população durante a ditadura militar. O resultado é a cobertura da morte do presidente eleito de forma indireta, Tancredo Neves, em 1985, e da promulgação da Constituição, em 1988. O movimento “Diretas já”, no entanto, não participou de forma significativa das pautas do telejornal. Apesar desta mancha, o JN, no transcorrer da década, tentou acompanhar os assuntos de interesse da audiência e, a partir de então, a emissora manteve escritórios em países europeus e nos Estados Unidos, cobrindo, por exemplo, a queda do Muro de Berlim (1989).

Nem a primeira eleição presidencial direta pós-regime militar, já em 1989, escapou da influência do telejornal. No último debate antes do pleito, realizado pelo JN com os candidatos Luís Inácio “Lula” da Silva e Fernando Collor de Mello, o então diretor do programa, Alberico de Souza Cruz, foi acusado de ter manipulado a edição do confronto, o que teria resultado na eleição de Collor. O estudioso Fernando Antônio Azevedo trata do assunto em seu artigo *Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político* (2006).

Nos telejornais, embora o noticiário fosse mais equilibrado em termos de volume de tempo e atenção às candidaturas mais competitivas eleitoralmente, os enquadramentos foram frequentemente favoráveis a Collor, como bem exemplificou a célebre edição da *Rede Globo* do debate final entre Collor e Lula na véspera do 2º turno. Em resumo, o paralelismo político nesse período se expressou não só pela defesa aberta de valores políticos e idéias econômicas como também pelo engajamento eleitoral de praticamente toda a grande mídia nacional. (AZEVEDO, 2006)

Em contrapartida, o JN foi grande entusiasta do *Impeachment* do mesmo presidente eleito com seu apoio, três anos mais tarde, acusado de corrupção. Nos anos 90, a Rede Globo promoveu profundas mudanças no telejornal, ascendendo Evandro Carlos de Andrade ao posto de diretor, já em 1996. Com a entrada de Andrade, os apresentadores Cid Moreira e Sérgio Chapelin, dupla mais emblemática dos 37 anos do programa, cederam lugar aos jornalistas William Bonner e Lílian Witte Fibe, que ficaram também responsáveis pelas editorias do jornal e de economia, respectivamente.

A mudança da equipe se refletiu também no estilo do programa, que passou a adotar um tom mais carregado de independência e imparcialidade. A linguagem se tornou mais natural e o jornal ganhou em clareza na informação.

Atualmente, o *Jornal Nacional* é apresentado por Bonner e Fátima Bernardes, que são casados. O apresentador, a partir de 1999, também assumiu o posto de editor-chefe do programa, o que refletiu na busca pela informação pautada em diversos assuntos, com imagens mais atraentes e carregadas de dramaticidade.

Como principal legado deixado pelo programa ao longo dos 37 anos em que vem sendo veiculado, está o padrão de referência que o JN concede aos outros telejornais, muitas vezes pautados pelo seu modelo, e por influenciar até a constituição de manuais de referenciais teóricos sobre o telejornalismo, por intermédio da linguagem textual e imagética desenvolvidas no programa.

3.3 – O telejornalismo esportivo

Herdeira das transmissões radiofônicas, a televisão brasileira já nasceu fadada às coberturas esportivas, uma vez que boa parte da sua programação foi

copiada dos modelos existentes no rádio. Já nos anos 50 era possível assistir as partidas de futebol pela “telinha”, apesar da falta de ritmo e da obviedade das narrações. Aliás, a história esportiva brasileira na tevê se confunde com o futebol, evento esportivo com ampla cobertura frente aos demais.

“O esporte que hoje assistimos pela televisão foi influenciado pelas tentativas introduzidas pelo rádio, na transmissão esportiva. Uma das mais interessantes ocorreu em relação as narrações esportivas do locutor-compositor e cantor Ari Barroso, quando utilizava uma gaitinha (instrumento musical de sopro) para surpreender os ouvintes, com um lance importante do jogo. Por estar localizado nas arquibancadas e como os barulhos eram intensos, utilizava-se deste instrumento para identificar e narrar um lance interessante com a utilização de um som. Este recurso ainda é muito utilizado nos meios comunicacionais televisivos ou radiofônicos, para enfatizar um lance interessante, ou a realização de um gol.” (CAMARGO, 2001)

Os anos 60 trouxeram novidades para a transmissão esportiva televisada. Uma delas foi o *Canal 100*, sob a direção de Carlos Niemeyer, que apresentava as filmagens antes das sessões cinematográficas. A qualidade das imagens e dos ângulos logo foi assimilada pela televisão, que registrou um salto na linguagem imagética. É deste período o surgimento do *vídeo tape*, que possibilitou a realização de programas esportivos diários com imagens gravadas.

O tricampeonato da seleção brasileira no México marcou época, já que pela primeira vez os jogos foram transmitidos ao vivo no país. O esporte na tevê daquele período foi um importante ardil utilizado pelo regime militar para manter a aparência de um país em progresso e para fomentar o espírito nacionalista entre os brasileiros.

Quanto à sua presença na programação de TV, em 1978 nasce o *Globo Esporte*, programa diário mais tradicional e de maior audiência no ramo esportivo. Com seu perfil genérico e não permeado pelos “bairrismos” típicos da imprensa

esportiva paulista, o programa permanece no ar, ininterruptamente, há 28 anos. Mais antigo do que ele, só a revista semanal esportiva da Rede Globo, o *Esporte Espetacular*, criado em 1973.

A década de 80 consolidou a programação esportiva como importante componente da grade de programação. A TV Bandeirantes é o melhor exemplo disso, uma vez que dedicava boa parte da sua programação ao noticiário esportivo, tendo como o carro-chefe o *Show do Esporte* aos domingos, das 10h até às 20h, com as mais diversas modalidades. Nesta época, destaca-se também o interesse pelos campeonatos europeus de futebol e as transmissões das ligas italiana e espanhola de futebol. O motivo é a migração dos atletas brasileiros para os clubes destes países. As transmissões de Fórmula – 1 também merecem um capítulo à parte nesta década, em que dois baluartes da categoria protagonizaram boas disputas nas pistas de todo o mundo: os pilotos Nelson Piquet e Ayrton Senna.

Nos anos 90, com a conquista do título mundial em 1994 e o bom desempenho da seleção brasileira de futebol em 1998, cresce a ambição das emissoras na busca pela exclusividade no direito das transmissões futebolísticas. Esta tônica acaba por se estender para outros esportes em que os atletas brasileiros são bem sucedidos. Esse é o caso do vôlei masculino, campeão olímpico em 1992 e do tenista Gustavo Kuerten, campeão de Roland Garros, em 1997 e 1999. A Copa do Mundo de 98, por exemplo, inaugurou o monopólio da Rede Globo na transmissão em canal aberto no país. No ano seguinte ela conseguiu o mesmo com o Campeonato Brasileiro. É desta fase, a implantação das TVs por assinatura no país, tendo como destaque, a ESPN e a Sportv, neste ramo.

Este maciço apelo feito em torno dos esportistas acontece por conta da categorização heróica concedida aos atletas, prova de um país sem referências em outras áreas de atuação, o que leva a audiência a galgá-los aos postos de ídolos. Um dos ápices deste processo de idolatria acontece com a morte de Ayrton Senna em 1º de maio de 1994, no circuito de Ímola na Itália. A transmissão da morte do piloto na pista causou comoção característica da morte de um chefe-de-estado no país.

Atualmente, o percurso iniciado na década de 1990 tem continuidade. As copas de 2002 e de 2006 continuaram sob o monopólio da Rede Globo, responsável pela transmissão dos eventos mais importantes do esporte. As outras emissoras lutam por outras fatias do mercado esportivo, atuando em competições de menor expressão e fornecendo enfoque diferenciado para eventos dos quais não detêm concessão. O número de mesas redondas debatendo assuntos esportivos no domingo à noite cresceu e pode-se destacar o *Terceiro tempo* da Rede Record e o *Show do esporte interativo* da Band.

Os canais de esporte por assinatura tiveram um considerável aumento a partir do ano 2000 e investem cada vez mais em eventos exclusivos e novidades para seus clientes, como pacotes *pay-per-view* e opções de interatividade. No Brasil, dois canais se destacam neste segmento: a Espn Brasil e a Sportv.

A Espn Brasil pertence ao grupo norte-americano Espn Internacional e está a cerca de uma década no leque de empresas de televisão temática brasileiras. A sua principal concorrente é a Sportv, do grupo Globosat, que é a seção da Rede Globo de Televisão dedicada ao público de tevê a cabo ou por assinatura. A Sportv está no ar a cerca de 15 anos e assim como a Espn, veicula informações e eventos esportivos 24 horas por dia.

A informação sobre eventos esportivos é motivo de grande comoção no Brasil, o chamado “país do futebol”. A Copa do Mundo é o ápice deste “patriotismo de chuteiras”. A análise deste evento midiático será o estudo de caso a ser tratado na seqüência deste projeto à luz do aparato teórico apresentado no primeiro capítulo: como foi tratada a questão da dramatização da informação telejornalística esportiva da cobertura da seleção brasileira na Copa 2006?

3 – ESPORTE E ESPETACULARIZAÇÃO: A COBERTURA DA SELEÇÃO BRASILEIRA PELO JN

Após as incursões sobre a vida e a obra do teórico francês Edgar Morin, tracejar o processo de formação do telejornalismo brasileiro e, especificamente, da editoria esportiva, é chegado o momento de unir os conceitos de “vasos comunicantes”, que trazem para o centro das discussões a questão da dramatização na informação, ao estudo de caso. Para a realização deste propósito foi escolhida a cobertura da seleção brasileira de futebol pelo *Jornal Nacional* da Rede Globo de Televisão.

Os resultados desta análise apresentarão o subsídio necessário para confirmar a longevidade dos conceitos expressos em *Culturas de massa no século XX* e conferir, após 44 anos de sua formulação, a sua validade na conjuntura de um novo milênio.

3.1 – Metodologia

Para confirmar os postulados de Edgar Morin quanto a questão da dramatização na informação, escolheu-se para este trabalho de monografia de conclusão de curso a seção esportiva do televisivo *Jornal Nacional*, da Rede Globo de Televisão. O foco específico desta análise será a cobertura jornalística da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 2006.

Tal escolha acontece por conta da importância do JN, uma vez que é o principal telejornal brasileiro e líder em audiência. Quanto ao foco no jornalismo esportivo, muito se deve pela força do evento ‘Copa do mundo’, além de uma

caracterização da notícia romanceada se apresentar de forma mais nítida e definida, em detrimento das demais seções.

Outra motivação para a eleição deste estudo de caso é a comoção causada por este esporte junto à população brasileira, ainda mais durante o período do evento mundial. Este ano a Copa do Mundo foi disputada na Alemanha, e aconteceu entre os dias 09 de junho e 09 de julho. O interesse pelo futebol é tão intenso em terras tupiniquins que o país ficou conhecido como a “pátria de chuteiras”, dada a tradição da seleção canarinho, maior campeã do torneio futebolístico, contabilizando cinco títulos.

Para aplicar os conceitos de Edgar Morin no que se refere à temática dos “vasos comunicantes” no estudo de caso supracitado, a questão da dramatização na informação foi analisada a partir de três tópicos chaves: a *informação romanceada*, a *vedetização do personagem* e o *uso de ‘fait divers’*. Cada um destes itens será descrito durante a fase de análise do estudo de caso propriamente dita.

Quanto à cobertura do Jornal Nacional, a análise foi direcionada à semana da estréia da seleção brasileira, nas quais o interesse pela Copa era grande. Outro cuidado foi selecionar os dias úteis da semana, nos quais o noticiário tende a possuir mais notícias, por conta do funcionamento de repartições públicas, comércio, esferas institucionais e outros. As datas que compõem o estudo de caso são as seguintes:

12/06/2006 – véspera da estréia do Brasil na Copa

13/06/2006 – estréia do Brasil contra a seleção da Croácia

14 e 15/06/2006 – repercussão da estréia

16/06/2006 – preparativos para a partida contra a Austrália

A metodologia para a construção empírica deste recorte, definido pelos cinco dias da semana da estréia do Brasil na Copa e que serão trabalhados no estudo de caso, foi subdividida em três etapas: coleta, apuração, seleção e análise dos dados referentes às cinco edições do telejornal.

A fase de *coleta dos dados* foi o momento da gravação das edições do *Jornal Nacional* através de fita de VHS, a partir das transmissões ao vivo do programa. O passo seguinte foi o da *apuração dos dados*, quando realizou-se a transcrição textual das reportagens referentes à seleção brasileira de futebol no material gravado na fase da coleta. Ainda nesta fase foram confeccionados os espelhos⁹ do programa. Ambos compõem os anexos deste projeto.

Os dados referentes à *apuração* foram categorizados em níveis de função no telejornal. Esta categorização serve para mapear os recursos utilizados pelos produtores do programa para elencar a importância e as condições nas quais foram efetuadas as narrativas das informações, conforme sistemática desenvolvida por COUTINHO (2003):

Escalada: Anunciada pelos apresentadores na abertura do telejornal, faz a apresentação das notícias que serão veiculadas no decorrer do programa;

Nota seca e/ou Cabeça: Apresentação ao vivo da notícia com a leitura da informação em estúdio pelo apresentador. Todas as informações são passadas pelo áudio, sendo a imagem do apresentador fixa;

⁹ De acordo com REZENDE (2000), o espelho é a estrutura do telejornal. Nele está contida a síntese das matérias em cada bloco, os intervalos comerciais, as chamadas e o encerramento do programa.

Nota coberta: É lida pelo apresentador no estúdio, seguida da sua narração em *off*, quando são exibidas imagens externas. Os textos geralmente são breves.

Matéria: É a melhor forma de apresentar uma notícia de telejornal, com imagens em externa, narração do texto em *off* e passagem do repórter. Recursos, como entrevistas e *sobe som* são bastante utilizados. A matéria com maior profundidade e abrangência é chamada de reportagem;

Nota pé: Complemento à informação logo após a exibição de uma matéria produzida em externa, cujo conteúdo pode ser opinativo, ainda que implícito;

Passagem de bloco: Anunciada ao final de cada bloco, traz as chamadas das notícias mais importantes que serão veiculadas logo a seguir;

Ao vivo: Entrada do repórter ao vivo no telejornal, possibilitando a cobertura instantânea dos fatos, no momento da ocorrência.

A *seleção dos dados* foi feita a partir do conteúdo imagético e textual do programa, a partir dos materiais obtidos na fase da coleta e da apuração. Os critérios para a eleição das reportagens que entrariam na composição da terceira e última fase, que é a da *análise* do estudo de caso, foram a pertinência nas três características-chaves explicitadas pelos conceitos de Edgar Morin: a *informação romanceada*, a *vedetização do personagem* e o uso de *'fait divers'*.

3.2 Análise dos “vasos comunicantes” no estudo de caso

Conforme confirmado na etapa de *apuração dos dados* das edições compreendidas entre os dias 12 e 16 de junho, uma porção superior a 50% do tempo de exibição do *Jornal Nacional* correspondeu à veiculação de informações

e notícias sobre a Copa da Alemanha. A média de *vídeo tapes* (VT) sobre a seleção brasileira de futebol, girou em torno de quatro por programa. É importante acrescentar que no noticiário são veiculados cerca de 16 VTs por dia.

A Copa do mundo foi responsável por mais de 60% das inserções do *Jornal Nacional* durante a semana de estréia da seleção brasileira no certame. As notícias relacionadas à equipe tupiniquim corresponderam a pelo menos dois blocos do programa que, usualmente, divide-se em cinco blocos.

Tal configuração permite uma percepção bastante fidedigna da produção do telejornal durante o período do evento midiático 'Copa do Mundo' em 2006. Nas semanas subseqüentes, ainda no período deste evento midiático, a mesma disposição de blocos e de assuntos se manteve no *Jornal Nacional*, pelo menos até a desclassificação do Brasil no torneio, no dia 02 de julho.

Por este *corpus*, também pôde ser possível a verificação da existência da abordagem dos *vasos comunicantes*, ou seja, da dramatização na informação, tal qual os conceitos desenvolvidos pelo teórico francês. Para inserir a comprovação deste propósito, a análise do conteúdo referente à seleção brasileira nas edições do telejornal será discriminada nos três níveis mencionados, sendo apresentada respectiva análise.

Nunca é demais lembrar que muitas vezes tais tópicos vêm associados uns aos outros, sendo que, desta forma, este estudo vai elencar matérias em que um desses níveis se apresentou com maior nitidez em detrimento de outros, no que se refere ao estudo de caso. Além das três características supracitadas, existe um quarto nível citado por Morin, chamado de *toque e interesse humano* (*human touch and human interest*) que não será analisado enquanto categoria por

subsidiar os outros três níveis, já que esta característica visa justamente imprimir a dramatização e o encadeamento sensacionalista das mensagens.

3.2.1 A informação romanceada

De acordo com os estudos do francês Edgar Morin em *Culturas de Massa no século XX, Volume I*, a informação romanceada é caracterizada pelo forte apelo sensacionalista, comum ao *bovarismo* citado no primeiro capítulo. Esta configuração é oriunda do romance-folhetim do século XIX e, em termos de *mass media*, foi inserida, primeiramente, nos jornais do início do século XX. A partir da década de 1930, tal peculiaridade passa a ganhar adesão nas culturas de massa com o rádio e, no percurso de duas décadas, chega à televisão.

Inserindo o imaginário no contexto do real, a informação logo passa a tomar um caráter romanceado. Logo este modelo passaria a tomar contornos do sensacional, independentemente da sua natureza, confirmando os postulados de Morin. “O imaginário havia conquistado um lugar real nos domínios que pareciam destinados exclusivamente à informação (imprensa), à representação do real (cinematográfico), à transmissão das comunicações (rádio)” (1997: p 98).

Como síntese deste processo de dramatização no que se refere à análise da cobertura da seleção brasileira na Copa do Mundo 2006 pelo *Jornal Nacional* podem-se destacar entre outras matérias, as produzidas pelo repórter Pedro Bial.

No caso de Bial, já na cobertura do dia 12 de junho foi possível perceber o caráter romanceado, conforme postulado pelo autor francês, na matéria realizada com o coordenador técnico da seleção brasileira, Mário Jorge Lobo Zagallo, intitulada “A emoção de Zagallo”. Estruturada em formato de crônica, a matéria narra a trajetória do ex-jogador e técnico com relação a sua fé em Santo Antônio,

que tem seu dia celebrado no dia 13 de junho, seguinte ao da veiculação das imagens.

Em linhas gerais, a caracterização do romance tem início após o desenrolar do texto do repórter. Zagallo, em uma das sonoras¹⁰, acaba se emocionando e começa a chorar copiosamente ao falar da fé no padroeiro. Saindo da postura de mero repórter, Pedro Bial solta o microfone e afaga o coordenador com um longo abraço. Só após esta cena, a matéria foi retomada e encerrada com mais uma sonora do protagonista, na qual ele afirma a certeza da vitória da seleção.

Nos dias que se seguiram, Bial apostou novamente nas versões em crônicas, com matérias de poucas (ou nenhuma) sonoras e sem passagens. Vale ressaltar que a aposta neste modelo é fruto do sucesso das “crônicas do Bial”, apresentadas na Copa do Mundo de 2002, em um boletim que a Rede Globo apresentava nas manhãs posteriores aos jogos veiculados na madrugada. Outro parêntese deve ser feito quanto ao formato de linguagem textual utilizado pelo repórter: a crônica é um gênero permeado por aspectos literários e opinativos, o que indica diferenças com relação ao texto jornalístico, marcado pela linguagem direta, isenção e ausência de adjetivos.

No dia 13 de junho, que marcou a estréia da seleção no mundial, Bial se encarregou de “romancear” o primeiro gol brasileiro na Copa na matéria “Detalhes do lance decisivo”. Ao abordar a partida contra a Croácia, afirma que o lance/ gol só aconteceu após uma “reunião de cúpula” do meio-campo brasileiro, como demonstra o texto da reportagem:

¹⁰ As sonoras são conteúdos expressos na fala dos personagens de determinada matéria ou reportagem. Este é um recurso utilizado pelo repórter televisivo para respaldar informações e ilustrar trechos do texto.

“Com o jogo parado nosso time se movimenta para valer pela primeira vez. Ronaldinho Gaúcho, Adriano, Emerson, Zé Roberto, o capitão Cafu e Kaká fazem uma reunião relâmpago e alguma coisa acontece na atitude da seleção. Após nove minutos, o perfeito Emerson se antecipa e bloqueia mais um ataque perigoso da Croácia pela direita. O próprio Emerson arma o contra-ataque, a bola chega a Cafu, Kaká pede, Cafu demora, mas passa. Aí, é a vez de Kaká não ter pressa de chutar. Ele evita a marcação e com a chapa do pé coloca a bola sem força ou esforço bem no ângulo.”
(BIAL, JN 13/06/2006)

A guisa de comparação, na terça-feira, na reportagem de Mauro Naves, o mesmo lance é explicado com um conteúdo pautado no formato da linguagem textual jornalística, na mesma edição do telejornal. Vale lembrar que a editoria esportiva possui algumas liberdades textuais características desta seção, como a utilização de jargões e de metáforas.

Em uma rápida reunião no meio-campo alguns jogadores conversam na busca de alternativas e surge uma luz. A jogada que começa na defesa vai até Cafu na lateral, do capitão para Kaká, que de fora da área e de esquerda faz um golaço: 1 a 0 Brasil. (NAVES, JN 13/06/2006)

No dia seguinte, volta à cena Pedro Bial com mais uma matéria sobre o gol da vitória no dia anterior. E desta vez com uma escala de sensacionalismo e de dramatização ainda maior. Com uma matéria de apresentação das imagens captadas por câmeras exclusivas da Rede Globo para os lances de Brasil e Croácia, Pedro Bial abusa dos adjetivos e da linguagem romanesca, explicando novamente o lance do gol, mas com uma nova versão.

“Sabe como se chama o momento em que defesa e ataque viram, um só corpo? - contra-ataque. Por exemplo, Emerson se antecipa, rouba a bola, a bola volta para Emerson que sozinho se manda e abre para Cafu. Cafu levanta a cabeça e examina todas as opções de passe. Passa, Kaká recebe, ignora o marcador croata, parte para o chute e espia. O olhar do craque dura dois décimos de segundo e enxerga o que a gente não vê,

decifra. Depois é só colocar, esperar o goleiro se esticar todinho. Apreciar a rede estufar. Gritar, abraçar, gol. Kaká, o cara.” (BIAL, JN 14/06/2006)

A verificação destes aspectos contribui para verificar a riqueza do texto esportivo com a inserção dos conteúdos romanceados. No caso de Bial, estes aspectos estão mais visíveis, o que não impede que seja identificado, ainda que em menor escala, em outras reportagens do telejornal, como foi o caso da apresentação colocada pelo repórter Mauro Naves em reportagem acima citada.

As reportagens de Bial completaram a semana com o acompanhamento do treino tático de Parreira, na quinta-feira, dia 15. Nesta matéria, a crônica trata o técnico da seleção brasileira como um grande comandante, capaz de fornecer os melhores rumos para a seleção brasileira, como é possível conferir no texto do *off* do repórter.

“No fim, ele terá que tomar a decisão sozinho. Método “Parreira” para baixar a tensão: roda o apito pra lá, roda o apito pra cá... Flanando pelo gramado, vai relaxando. Sorriso fácil, brinca com o conselheiro mais velho, escuta o assistente mais novo. Até que chega a hora de trabalhar. A fisionomia se transforma. Fica sério como um Aiatolá. Os olhos não param. Tentam ver tudo ao mesmo tempo. Também dá as suas arrancadas. Por trás de cada movimentação do time está Parreira. Nas mãos dele e em seus dedos longos, um leque de escolhas. Para onde aponta Parreira?” (Pedro Bial, JN 15/06/2006)

Desta forma, as matérias confirmam uma observação colocada por Morin, sobre uma característica dos novos meios de comunicação, com relação à dramatização da informação, que apesar de antiga permanece válida. “A partir da década de 30, o novo curso da cultura de massa passa a criar esquemas, de modo a extravasar o imaginário e ganhar a informação. Desta forma, a dramatização tende a preponderar sobre a informação propriamente dita” (1997: p. 98).

O casal de apresentadores

Casados na vida real e âncoras do *Jornal Nacional*, o editor-chefe, William Bonner, e a editora, Fátima Bernardes, protagonizaram momentos em que era possível perceber a utilização da informação romanceada, principalmente na abertura e no encerramento das edições do telejornal.

Na abertura, a título de exemplo, quando Bonner iniciava uma notícia referente à Copa, que geralmente era a manchete do dia, aproveitava para não só passar as informações da “cabeça” da matéria, como para dedicar um jargão especial para a esposa. Com “Onde está você, Fátima?”, o âncora passava a deixa para Fátima Bernardes. Ela por sua vez, realizava um “bate-bola” rápido com o marido antes de entrar na matéria. O mesmo aspecto foi verificado no término das edições do programa com o “Boa Noite, William” e “Boa noite, Fátima”, antes do encerramento, sempre sem a formalidade típica pelo qual o JN foi conhecido.

Durante estas passagens entre as “cabeças” das reportagens aconteceram momentos de descontração, exemplificado pelo caso da quarta-feira, dia 14, quando Fátima informou que cidade de Königstein, local em que ela apresentava o telejornal, estava muito frio. Neste momento, Bonner quebrou a formalidade e aconselhou a esposa-apresentadora a levar um casaco para a edição do telejornal do dia seguinte.

3.2.2 A vedetização do personagem

Segundo os estudos propostos pelo francês no volume *Neurose*, a vedetização¹¹ dos personagens da vida cotidiana tende a trazer características *olimpianas*¹² para os notáveis da sociedade composta a partir do século XX. Com isto, a transformação dos “atores” do dia-a-dia em heróis, torna-se cada vez mais constante nos meios de comunicação de massa, como via de trazer à baila aos espectadores, os mecanismos de projeção e de identificação.

Tal configuração é bastante nítida no estudo de caso realizado. Na semana compreendida entre os dias 12 e 16 de junho, 12 VT's sobre personagens vedetizados foram levadas ao ar, concedendo características heróicas e nobres a estes “atores” que, em sua maioria, eram os mesmos que estrelavam propagandas publicitárias no intervalo comercial dos programas relacionados ao evento. O que chama mais a atenção é que, apesar do futebol ser um jogo coletivo, a individualização da fama é uma prática bastante comum neste esporte.

O destaque para esta característica ficou para a transmissão do jornal de quinta-feira, dia 15, quando das cinco matérias envolvendo a seleção brasileira no telejornal, quatro se referiam a personagens. Outrossim, três destas, envolviam o mesmo “ator”, o atacante Ronaldo. A edição do telejornal nesse dia contou com 16 VT's no total, sendo que doze foram sobre a Copa e cinco sobre a seleção brasileira. O *olimpiano* Ronaldo foi tema de quase 20% das reportagens daquele dia e até nas matérias em que não aparecia, ainda acabou sendo citado de alguma outra forma, como aconteceu na que se referia ao treino tático e à fraca estréia da seleção brasileira e sua repercussão nos jornais europeus.

Os motivos para tantas matérias vedetizando o personagem ‘Ronaldo’ apresentam dois aspectos que merecem menção: distanciamento entre a estréia

¹¹ Ver página 24

¹² Ver página 22-23

(terça, dia 13) e o próximo jogo (domingo, dia 18); e a má atuação do craque brasileiro, que foi muito badalado pela imprensa e pelo mercado publicitário antes do início do torneio. Na falta de matérias factuais, a repercussão em torno da atuação do jogador no primeiro jogo criou suas próprias notícias, como a indisposição física de Ronaldo.

Na matéria que abriu o primeiro bloco do dia 15, já há a demonstração clara de tentativa de mitificação do jogador, nos mais de três minutos da reportagem de Tino Marcos, que giraram em torno apenas de especulações sobre o estado de saúde do jogador. *“O Fenômeno sente-se vítima do excesso de peso. Não da balança, eterna polêmica. Mas daquele que pesa sobre os ombros”* (MARCOS, JN 15/06/2006), enunciava um dos *offs* do início da matéria, caracterizando o arquétipo típico do herói, que precisa ser sacrificado para obter a redenção.

O histórico da combalida saúde do atleta em Copas do Mundo também fez alimentar mais este capítulo de sensacionalismo em 2006. Ronaldo já havia tido uma convulsão na Copa da França em 1998 e chegara recém recuperado de uma lesão no joelho em 2002. Toda esta conjuntura, somada ao fato de que o jogador foi escolhido por três ocasiões o melhor atleta de futebol pela FIFA, contribui para a formação deste habitante do Olimpo dos meios de massa; ao que Tino Marcos ressalta no fim da reportagem:

“Ronaldo e Copa do Mundo. Nela, ele se consagrou. Mas essa é uma relação de muita turbulência. Em 1998, o principal jogador da seleção teve uma convulsão no dia da final com a França. E o Brasil perdeu, 3 a 0. Em 2002, vinha de uma penosa recuperação. Foram duas cirurgias graves no joelho e poucos acreditavam em Ronaldo. Ele foi decisivo na conquista do penta. Agora, ele de novo, no centro das atenções. Ainda sem gols para contar. Os companheiros visivelmente tentam alegrá-lo.” (MARCOS, JN 15/06/2006)

Partindo desta conjuntura dramatizada, a edição teve prosseguimento com um VT repercutindo o problema de saúde do jogador, trazendo dona Sônia, mãe do atleta, que apresentou inclusive uma receita de chá que curaria as indisposições físicas do filho. As recomendações são apresentadas no texto do repórter Renato Ribeiro e na sonora de Dona Sônia.

“OFF (Renato Ribeiro) Mas o que tem deixado dona Sonia bem chateada é não encontrar na Alemanha os ingredientes para seu chá especial. Aquele que só mãe sabe fazer.

Sonora Sonia Chá de laranja da terra. Eu digo para ele colocar um pouco de hortelã dentro. É aquele chá de mãe mesmo. Socar um alho, um pouco de mel. Ele acha horroroso, mas é legal.” (RIBEIRO, JN 15/06/2006)

Neste texto é possível perceber a tentativa de trazer ao espectador os mecanismos de projeção e de identificação, através do caso do *olimpiano* Ronaldo: a receita de chá de uma mãe é uma corriqueira alternativa que resolve o mal-estar dos mais comuns dos mortais.

Para fechar o bloco, o repórter Tadeu Schmidt transfere as características do herói a outro atleta: Cafu, o homem que pode “salvar” Ronaldo da crise. No texto que segue, fica clara a tentativa de supervalorizar uma possível postura paternalista do capitão da seleção ao exercer sua liderança, como fica claro no primeiro *off* da matéria. *“Se ele precisa de um ‘empurrãozinho’, estão todos dispostos a colaborar. Mas é Cafu quem tem se apresentado como o homem que cuida do time” (SCHMIDT, 15/06/2006)*

Ao taxá-lo como “pai” do grupo da seleção, Tadeu Schmidt monta sua passagem em formato de entrevista, mas com um forte tom de cobrança, transformando o atleta em um escudo de defesa para Ronaldo, como segue:

Passagem: Não são papéis assumidos, mas até quando nega, Cafu assume a função que está exercendo. Pergunte a ele sobre Ronaldo. Quer ouvir a primeira resposta do capitão?

Sonora Cafu Não. Vamos colocar um ponto final. Passou. Acabou. É um outro Ronaldo. Um Ronaldo sorridente, um Ronaldo alegre, um Ronaldo feliz...

Passagem Mas como está Ronaldo? O que é que ele disse?

Sonora Cafu Ele já mudou. Tá beleza, tá tranqüilo, tá sereno, tá querendo muito. Tá cheio de vontade.

Passagem Será que essa história toda vai atrapalhar o Ronaldo e a seleção?

Sonora Cafu Não. Vamos pensar positivo, gente! Acabou os problemas do Ronaldo. Não vai ter mais problemas. O Ronaldo vai atropelar todo mundo. (SCHMIDT, JN 15/06/2006)

Após toda essa sabatina, Schmidt conclui a reportagem com um “É ou não é um protetor?”, como se estivesse confirmado sua teoria. E desta forma, Cafu também entrou no rol dos convidados a participar da celebração dos olímpianos da Copa 2006.

3.2.3 A utilização de ‘fait divers’

Os chamados “fatos variados” são reportagens que, em concordância com os postulados de Morin, utilizam pequenas motivações do espectador

transformando-as em notícias, mas sem a intenção de trazer um conteúdo que altere a estrutura do *status quo* vigente. Tratam de assuntos ligados ao cotidiano dos personagens vedetizados, fornecendo tons de similaridade com a vida do espectador.

“Os fatos variados não são acontecimentos que informam o andamento do mundo; são, em comparação com a história, atos gratuitos. Mas esses atos afirmam a presença da paixão, da morte e do destino, para o leitor que domina as extremas virulências de suas paixões, proíbe seus instintos e se abriga contra os perigos.” (MORIN, 1997: p 100)

Na cobertura da Copa do Mundo, pelo *Jornal Nacional*, as informações em torno da estréia, da repercussão do jogo e da expectativa para a segunda partida, cumularam o telejornal com os recursos de *fait divers*, principalmente no que se refere aos pequenos temas inseridos no cotidiano da seleção e dos torcedores.

Um bom exemplo de *fait diver* aconteceu no VT de Fátima Bernardes na segunda-feira, dia 12, véspera da estréia do Brasil na Copa e dia dos namorados no Brasil. Em meio à expectativa para o primeiro jogo da seleção, que era até então favorita ao título no torneio, a apresentadora e repórter foi à concentração da seleção brasileira em Königstein e abriu os microfones para que os jogadores fizessem declarações de amor para esposas e namoradas. Na cabeça da matéria já é possível verificar o tom casual e descompromissado “*Hoje não é só a véspera da estréia do Brasil na Copa. É também o Dia dos Namorados. Mas nossos atletas, de tão concentrados, nem tiveram chance de preparar uma surpresa para as mulheres ou namoradas. Então, decidi dar uma ajudazinha*”. Logo após, entra no ar uma série de depoimentos afetivos dos jogadores do time.

Aplicando as teorias de Morin neste caso, o fato de inserir o dia dos namorados no contexto da seleção brasileira de futebol não trouxe nenhuma

informação relevante para o fato principal da cobertura jornalística da equipe: a estréia na competição. No entanto, esta matéria serve para que o espectador médio possa se projetar e se identificar com a programação veiculada pelo JN, uma vez que a data foi comemorada pelos casais de namorados brasileiros, além do caráter de entretenimento veiculado pela matéria.

Os mesmos comentários feitos ao VT de Fátima Bernardes valem para as reportagens de Maurício Kubrusly durante a cobertura da primeira semana de Copa. O repórter foi outro a utilizar os *fait divers* nas transmissões dos telejornais. Em suas duas entradas no *Jornal Nacional*, entre os dias analisados, Kubrusly usufruiu deste recurso para pautar suas matérias.

Na primeira, em que cobria a procura por ingressos para a estréia da seleção, no dia 12, o repórter participou, junto aos torcedores, da corrida pelos *tickets*, através de uma linguagem bastante despojada e permeada pelo humor. Isso pode ser confirmado com a transcrição do texto do *off* de encerramento. “*No final da tarde, ainda na porta do estádio, um cartaz pede um ingresso em troca de um Fusca, ano 1979*”. (KUBRUSLY, JN 12/06/2006)

Quanto a reportagem do dia seguinte, que soou mais como uma continuação da primeira, Kubrusly assiste a transmissão do jogo do lado de fora do estádio, em um telão, como boa parte dos brasileiros que chegaram na Alemanha sem ingresso. O enfoque no “povo fala” foi mantido e, como é característico do modelo de reportagens de fatos variados, o produto final foi agradável aos olhos do espectador, mas não trouxe conteúdo informativo relevante.

Pelas nuances apresentadas na aplicação do estudo de caso, torna-se possível verificar a validade dos conceitos de Edgar Morin. Inclusive o chamado *toque e interesse humano* estão presentes em boa parte destes casos, como na relação entre o casal de apresentadores Fátima Bernardes e William Bonner, na preocupação da mãe de Ronaldo com o estado de saúde do filho e a busca por ingressos na estréia do Brasil na Copa da reportagem de Maurício Kubrusly. Esta característica é um traço do telejornal a partir da entrada de Bonner como editor-chefe a partir de 1999: imprimir um caráter de proximidade com o espectador apregoando similaridades no contexto entre a audiência e às pautas do programa.

CONCLUSÃO

Apesar de toda a tecnologia que envolve o ser humano da pós-modernidade em pleno século XXI, muito do que ficou no simples “moderno” do XIX e do XX, ainda pode ser admitido no contexto da sociedade contemporânea. É o que se pode depreender após o período de levantamento de informações, de fichamento de livros, de gravação de programas, de seleção de imagens, de transcrição de fitas e da análise de conceitos no estudo de caso; é chegado o momento de revelar os apontamentos e as conclusões deste estudo. E as respostas levam aos romances-folhetins do final do século XIX...

Como síntese dos processos desempenhados até aqui, foi possível chegar a construção do texto que antecede a esta conclusão, pautado na busca de respostas no que se refere ao tema central da hipótese desta monografia: qual a validade dos conceitos lançados por Edgar Morin no livro *Culturas de massa no século XX – Volume I*, para o capítulo ‘Os vasos comunicantes’, que trata da dramatização na informação, no que tange à longevidade e à atualidade dos seus conceitos quatro décadas após a publicação destes postulados?

Para responder a tal indagação, é necessário analisar o saldo do levantamento de informações que estruturaram a confirmação da hipótese central. No primeiro capítulo deste projeto, por exemplo, foi possível traçar a biografia de Edgar Morin e o percurso do caminho multidisciplinar percorrido por ele durante toda carreira acadêmica, o contexto do surgimento das obras do autor, bem como a análise do livro e do capítulo colocado como parte da confirmação da hipótese deste estudo.

No capítulo seguinte, foi possível conferir as fases de constituição da televisão brasileira e mundial e, principalmente, conhecer a constituição do telejornalismo brasileiro, salientando os casos específicos do *Jornal Nacional* e do

telejornalismo esportivo em solo tupiniquim. A compreensão de alguns modelos de categorização e das diversas visões a respeito do veículo televisivo foram possibilitadas pelas contribuições de alguns autores, tais como Dominique Wolton, Jesús Martín-Barbero, Pierre Bourdieu, Iluska Coutinho, José Marques de Melo, Vera Regina Toledo Camargo, Nelson Hoineff, entre outros. A pluralidade de argumentos serviu como forma de estruturar um texto mais rico de conceitos e opiniões sobre a tevê.

De posse dos conceitos expressos no primeiro e segundo capítulos, a análise do estudo de caso no último capítulo foi realizada com um relevante respaldo teórico e histórico, que somados aos conceitos propostos por Edgar Morin permitiram a leitura das edições do *Jornal Nacional*. A fase de coleta e seleção de dados deve ser mencionada neste momento, por conta das dificuldades em se escolher as matérias que iriam figurar o texto do projeto, uma vez que os dados apurados apresentavam alto grau de relevância.

Quanto à análise do estudo de caso propriamente dita em observância à hipótese central deste estudo, que é a confirmação da atualidade dos conceitos de Edgar Morin na cobertura da seleção brasileira na 'Copa do Mundo' a partir das edições do *Jornal Nacional*, o estudo pôde constatar um parecer favorável à validade de tais postulados. Não há como negar que os caracteres dramáticos que impregnaram as informações dos idos de 1950 e 60 continuam por aqui, flanando em pleno século XXI.

Estruturado a partir de uma metodologia que contemplou os três tópicos-chaves selecionados entre os conceitos de Edgar Morin para os 'vasos comunicantes', que são *a informação romanceada, a vedetização dos*

personagens e o uso de 'fait divers', a análise do estudo de caso salientou a consonância, atualidade e pertinência nos temas apresentados.

Como foi possível depreender na produção do capítulo final, a *informação romanceada* foi apresentada em diversos níveis de categorização das informações do telejornal, tais como os VTs e as cabeças que antecedem as matérias. Com 12 *video tapes* que puderam ser enquadrados no tema entre os dias 12 e 16 de junho, a chamada *vedetização dos personagens* pôde ser bastante evidenciada. Apesar do caráter coletivo do esporte, a individualização e a concessão de características *olimpianas* aconteceram somente para os atores mais destacados da trupe da seleção brasileira de futebol. Para encerrar, a utilização de reportagens dos *fatos variados* ou *fait divers* ajudou a completar diversas temáticas desenvolvidas pelo telejornal, como aconteceram nas matérias de Maurício Kubrusly e de Fátima Bernardes sobre a véspera da estréia do Brasil na Copa.

Vale lembrar que todas estas características por vezes estiveram associadas umas às outras na estruturação de algumas narrativas do JN. Este trabalho colocou em relevo apenas as que ficaram mais evidentes no escopo das matérias do telejornal. Outra consideração neste sentido deve ser feita quanto ao nível *toque e interesse humano* que, de acordo com os postulados de Edgar Morin, é uma particularidade intrínseca à dramatização na informação e, por conseqüência, compõe o quadro de conceitos do capítulo *Os vasos comunicantes*.

São necessárias, porém algumas ressalvas no que concerne ao tamanho do *corpus* de estudo e quanto às conclusões por ele oferecidas. Apesar da comprovação da validade dos conceitos do estudioso francês para a análise do

caso em questão não pode ser estendida para as demais partes da obra *Culturas de massa no século XX*, dada a falta de subsídios para uma síntese deste nível. O mesmo pode ser mencionado com relação a um estudo de caso de outra natureza: o *Jornal Nacional* é um produto veiculado em um canal de tevê geralista que, segundo WOLTON (1996), compõe o segmento de tevê aberta. As mesmas conclusões não podem ser aferidas aos programas jornalísticos de canais de televisão temática, que necessitariam de suas próprias considerações.

Entretanto, partindo das lacunas citadas acima, a presente monografia pode nortear futuros estudos, tais como a confirmação de outros conceitos de Edgar Morin, quanto ao livro ora utilizado, bem como a exemplificação dos postulados para *vasos comunicantes* em outros níveis da programação e de categorização televisiva. O mesmo pode ser considerado com relação ao programa *Jornal Nacional*, no qual estudos de diferentes enfoques podem ser aplicados a partir do material constituído para este projeto.

Para além de qualquer juízo de valores, a dramatização caracterizada pelos romances-folhetins do século XIX extrapolou a esfera do imaginário, atingiu o real, e não parou no decênio dos 60, quando Morin postulou *Culturas de massa no século XX*. Ela continua por aí, quatro décadas depois, compondo e, por vezes, ultrapassando a informação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Fernando Antônio. *Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema público*. Artigo São Carlos: UFSCAR, 2006.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. *Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BONNER, William. *O Jornal Nacional na visão de seus editores*. Rio de Janeiro, dezembro de 2001. Entrevista concedida a Iluska Coutinho.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Trad. Maurício Santana Dias. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

CAMARGO, Vera Regina Toledo. *O telejornalismo e o esporte espetáculo*. Tese (Doutorado) São Bernardo do Campo: UMESP, 1998.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Trad. Maurício Santana Dias. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

COUTINHO, Iluska Maria da Silva. *Dramaturgia no telejornalismo: a estrutura narrativa das notícias em TV*. Tese (Doutorado) São Bernardo do Campo: UMESP, 2003.

CYRANKA, Lúcia F. M.; SOUZA, Vânia P. *Orientações para normatização de trabalhos acadêmicos*. 7. Ed. Juiz de Fora: EDUFJF, 2004.

DEBS, Michell Nascimento & CARREIRO, Viviane Amoury. *Espetáculo telejornalístico ao vivo: uma análise de conteúdo sobre a cobertura do Jornal Nacional na Copa do Mundo 2002*. Monografia Vitória: Faesa, 2003.

DEBRAY, Régis. *Manifestos midiológicos*. Petrópolis: Vozes, 1995.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FERRÉS, JOAN. *Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas*. Porto Alegre; Artmed, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Perseu Abramo, 1998.

HOINEFF, Nelson. *TV em expansão*. Rio de Janeiro: Record, 1991.

KUCINSKY, Bernardo. *A síndrome da antena parabólica: ética no jornalismo brasileiro*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MARCONDES, Ciro Filho. *A saga dos cães selvagens*. São Paulo: Hackers Editores, 2002.

MARQUES DE MELO, José. *As Telenovelas da Globo – Produção e Exportação*. São Paulo: Summus, 1988.

MARTÍN-BARBERO, Jesús & REY, German. *Os exercícios do ver: Hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. Trad. Jacob Gorender São Paulo: Senac, 2004.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX – v.1 Neurose*. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____ *Cultura de massas no século XX – v.2 Necrose*. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.

_____ *Introdução ao pensamento complexo*. 3. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

_____ *O homem e a morte*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1997.

_____ *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Rio de Janeiro: Unesco, 2000.

NEIVA JR., Eduardo. *A Imagem*. São Paulo: Ática, 1986.

PATERNOSTRO, Vera Íris. *O texto na TV: manual de telejornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. 3. ed. São Paulo: Summus, 2000.

ROGLÁN, Manuel & EQUIZA, Pilar. *Televisión y lenguaje: aportaciones para la configuración de un nuevo lenguaje periodístico*. Barcelona: Ariel, 1996.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Muito além do Jardim Botânico*. São Paulo: Summus, 1985.

WOLTON, Dominique; *Elogio do grande público - uma teoria crítica da televisão*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1996.

Websites:

www.edgarmorin.sescsp.org.br/ (20 de abril de 2006)

www.centroeducacional.pro.br/emorin (06 de maio de 2006)

www.edgarmorin.com (15 de maio de 2006)

www.globo.com/jornalnacional (23 de junho de 2006)

<http://www.scielo.br/scielo.php> (02 de julho de 2006)

ANEXOS

Anexo I – Decupagem dos textos das reportagens sobre a Seleção Brasileira veiculadas no Jornal Nacional (de 12/06/2006 até 16/06/2006)

1) Jornal Nacional – Edição de 12 de junho de 2006 – Segunda-Feira

Pedido de prisão Cafu

Cabeça (Willian Bonner) O Ministério Público da Itália pediu, hoje, a prisão do capitão da seleção brasileira, Cafu. De Roma, Ilze Scamparini.

OFF (Ilze Scamparini) A pena sugerida é de nove meses de prisão para Cafu e para a mulher dele, Regina. O lateral direito da seleção brasileira, e jogador do Milan, é acusado de ter falsificado documentos para obter a cidadania italiana, e poder assim jogar nos países da União Européia. Regina é descendente de italianos e teria fornecido documentos de parentes. As investigações começaram em 2001. No total, 50 jogadores entraram na lista dos suspeitos. Também estava na lista Franco Sensi, presidente do Roma, time em que Cafu jogava na época. Para Sensi foram pedidos 10 meses de cadeia.

Passagem No primeiro julgamento, em 2003, Cafu foi absolvido. Mas a procuradoria recorreu. Agora cabe ao juiz analisar esse pedido de prisão. Depois será a vez da apresentação da defesa.

Nota pé (Willian Bonner) A Justiça italiana prevê o julgamento sem a presença do acusado. Por isso, não será necessário que Cafu abandone a competição.

////////////////////////////////////

Cafu fala

Cabeça (Fátima Bernardes) O repórter Mauro Naves acompanhou a visita da nossa equipe ao estádio olímpico, local do jogo desta terça-feira - e conta como o capitão Cafu e o técnico Parreira receberam a notícia.

OFF (Mauro Naves) A notícia sobre o pedido do promotor de justiça da Itália pegou capitão da seleção de surpresa, mas não afetou a concentração dele para a estréia.

Sonora Cafu Isso não vai colocar em dúvida a minha credibilidade. É deixar que os processos corram. Nós estamos sendo julgados, deixa julgar lá do jeito que está. Vamos pensar exclusivamente na Croácia.

Sonora Parreira Nós estamos aqui há quatro semanas e esse assunto só repercutiu hoje. É apenas mais uma razão para tentar desestabilizar a equipe, mas não vai afetar.

OFF (Mauro Naves) Mas em campo, o assunto não teve vaga. Era o dia de conhecer o estádio olímpico de Berlim, o maior e mais importante da Copa do Mundo. Um cenário bonito para um momento de descontração. E sem sustos.

Sonora Emerson Da última vez não foi fácil.

OFF (Mauro Naves) Há quatro anos, na Coreia, o último treino antes da estréia foi a despedida de Emerson. Com o ombro deslocado ao se aventurar como goleiro.

Sonora Emerson: Eu consegui o meu espaço de novo, estou aqui mais uma vez, insistente que eu sou.

OFF (Mauro Naves) Desta vez, uma hora de brincadeiras e gols. O espírito tranquilo de um time que se diz pronto.

Sonora Robinho Acho que não falta nada. Todo mundo está feliz de estar aqui na seleção. E com certeza o grupo está motivado.

Passagem Em sua última entrevista, antes da estréia, Parreira foi claro. O Brasil é sim, um grande favorito. Mas não é o único a ter a obrigação de ganhar a Copa do Mundo.

Sonora Parreira Nós não temos obrigação de ganhar a Copa do Mundo. Quem tem obrigação é o time da casa, a Alemanha, as outras equipes que estão aqui na Europa, jogando em casa. Nós temos a obrigação sim, de fazer o melhor.

////////////////////////////////////

Fé dos torcedores

Cabeça (Fátima Bernardes) O gramado do estádio depende dos alemães. O comportamento tático da seleção brasileira depende do técnico Parreira e dos jogadores. O preparo físico deles é responsabilidade do preparador. Mas, ainda assim, milhões de torcedores têm certeza de que, de alguma forma, eles também podem influenciar o resultado de amanhã.

OFF (Tadeu Schmidt) Sob o sol de Berlim, a fé brasileira. Uma passada na igreja, não custa nada. Já usar a mesma camisa todo dia...

Povo fala Essa camisa eu ganhei e desde que eu saí do Brasil, eu estou com ela e vou voltar com ela. Tinham oito pessoas comigo e só tem três agora. Não agüentam mais ficar junto comigo.

OFF (Tadeu Schmidt) E a peruca que venceu todas na última Copa?

Povo fala Eu não vou tirar a peruca e vou dormir com ela.

OFF (Tadeu Schmidt) Uma torcedora distribuiu 500 fitas do Senhor do Bonfim. Já um outro dá sete nós nas sete partidas.

Povo fala Seremos campeões do mundo de novo.

OFF (Tadeu Schmidt) Disse ele.

Passagem: O raciocínio é o seguinte: não adianta só os jogadores fazerem a parte deles. Se os torcedores não forem competentes, imagina o que pode acontecer.

Povo fala

Jornal Nacional: - Se você não distribuir as fitas?

Torcedora: - Pode quebrar a corrente.

JN: - E sem os sete nós?

Torcedor: - Provavelmente, nós não seríamos campeões. Mas como já demos os sete, agora seremos os campeões do mundo. Não tem mais dúvida.

OFF (Tadeu Schmidt) Para que arriscar? – Preparem a camisa, a peruca, as fitinhas e tenha muita fé. Tem que acreditar.

////////////////////////////////////

Expectativa da estréia

Cabeça (Fátima Bernardes) Durante o dia, o repórter Tino Marcos tentou medir a ansiedade deles, nesta véspera de estréia.

OFF (Tino Marcos) Quando a luz se apagar...

Sonora Roberto Carlos A noite vai ser longa, vamos dormir tarde.

Sonora Cafu 1 Acho que quando deitar, a última coisa que virá na minha cabeça vai ser a estréia amanhã.

Passagem Uma tarde ensolarada e bonita enchia de luz o cenário da estréia. Poucas horas depois, pela programação dos jogadores: jantar, assistir a um vídeo motivacional e depois eles vão se dirigir para os quartos individuais. Sozinhos, começam a mentalizar o dia de amanhã.

Sonora Ronaldo: Visualizar os meus movimentos. O meu estilo de jogo e as jogadas que eu gosto de fazer.

OFF (Tino Marcos) Com o pé-direito e com a mão direita. É o campo. O último treino. Isso faz pensar: no escuro, logo mais...

Sonora Cafu Na hora de chegar no estádio, que vai colocar as ataduras, que vai para o aquecimento e na hora do Hino Nacional.

Sonora Kaká Eu começo a pensar na partida, a imaginar os movimentos e as jogadas que eu tenho que fazer.

Sonora Roberto Carlos 2 Vou rezar muito, porque sempre a abertura da competição dá muita preocupação e ansiedade. Hoje a noite vai ser longa.

OFF (Tino Marcos) Bons sonhos a todos. Para embalar o sono sugerimos: em vez de carneirinhos, contem e ouçam gols (sobe som de rede balançando). Isso deve ajudar.

////////////////////////////////////

Brasileiros sem ingressos

Cabeça (Fátima Bernardes) Cotação em alta, aqui na Alemanha, é a dos ingressos para os jogos. O repórter Maurício Kubrusly mostra que, para muitos torcedores brasileiros que estão em Berlim, um lugarzinho no estádio olímpico, amanhã, é um sonho quase inatingível.

OFF (Maurício Kubrusly) A turma dos sem ingresso na porta do estádio. Sem ingresso, mas com muitas certezas.

Povo fala Vou entrar e nem quero saber quanto dinheiro eu tenho.

OFF (Maurício Kubrusly) Às vezes um casal só conseguiu um ingresso.

Povo fala Hoje à noite a gente decide quem vai ficar com o único ingresso.

OFF (Maurício Kubrusly) E surge a notícia de que no centro de Berlim, em um prédio no 4º andar, está o maior sufoco.

Povo fala Eu não tenho ingresso e estou em busca desde que cheguei.

OFF (Maurício Kubrusly) No final da tarde, ainda na porta do estádio, um cartaz pede um ingresso em troca de um Fusca, ano 1979.

Assédio a Ronaldinho Gaúcho

Cabeça (Fátima Bernardes) Enquanto os torcedores disputam ingressos, os jornalistas do mundo inteiro travam uma guerra particular. O repórter Renato Ribeiro conta o quê eles tanto querem.

OFF (Renato Ribeiro) Câmeras e jornalistas de todos os cantos do planeta, todos acompanhando uma pessoa: o melhor do mundo, Ronaldinho. Não é só para vê-lo, o mundo inteiro quer falar com ele e quer, pelo menos, uma palavra de Ronaldinho Gaúcho.

Passagem O jogador sofre marcação implacável dos microfones. Ele nem deve saber, mas em um espaço de 20 minutos, Ronaldinho falou, praticamente, com o mundo inteiro. Poderia ser muita pressão saber que todos estariam de olho em cada movimento dele. Mas diante do desafio, Ronaldinho vai responder como sempre, com um sorriso.

Sonora Ronaldinho O objetivo é esse, estar sempre com alegria, e quando estou feliz as coisas quase sempre saem bem.

OFF (Renato Ribeiro) O importante é que ele sorria e todos nós também.

////////////////////////////////////

Dia dos namorados na seleção

Cabeça (Fátima Bernardes) Hoje não é só a véspera da estréia do Brasil na Copa. É também o Dia dos Namorados. Mas nossos atletas, de tão concentrados, nem tiveram chance de preparar uma surpresa para as mulheres ou namoradas. Então, decidi dar uma ajudazinha.

Sonora Cris Ju, eu não preparei nada para você, mas o seu presente está no meu coração porque eu te amo muito.

Sonora Luisão Minha namorada se chama Brenda e um beijão no coração dela. A gente está longe, mas é por uma boa causa

OFF (Fátima Bernardes) Muito menos tímido, Parreira abriu o coração.

Sonora Parreira: Fofinha, Leila, ao longo desses 35 anos você tem sido a minha namoradinha e vai continuar sendo. Um beijão.

OFF (Fátima Bernardes) Ricardinho disse que não deu, mas recebeu um presente.

Sonora Ricardinho Tive o privilégio de ver a minha esposa hoje, então eu já ganhei um presente.

OFF (Fátima Bernardes) Gilberto Silva teve a mesma sorte.

Sonora Gilberto Silva Ela está vindo para torcer para mim, junto com meus pais e minha filha e alguns amigos.

OFF (Fátima Bernardes) Há 14 anos vivendo na Europa, Ronaldo explica que por lá comemora-se a data em um outro dia: 14 de fevereiro.

Sonora Ronaldo Também vou comemorar, mas não tenho nada preparado. Não tenho nem tempo de ver nada aqui.

OFF (Fátima Bernardes) Romântico ou não, ninguém esquece a cena em que Cafu declarou seu amor para bilhões de pessoas. Quatro anos depois, um novo recado.

Sonora Cafu Regina você sabe o quanto você é importante na minha vida e você sabe que eu te amo. Feliz dia dos Namorados, mesmo estando longe de você.

////////////////////////////////////

A emoção de Zagallo

Cabeça (Fátima Bernardes) Zagallo disse que passar essa data longe de casa já é rotina. Mas o melhor de tudo é, depois de 51 anos de casado, ainda estar pensando na Dona Alcina nesse dia.

OFF (Pedro Bial) Ninguém no futebol tem mais títulos em copas do mundo do que ele. Mesmo assim, aqui na Alemanha, Mário Jorge Lobo Zagallo mantém o entusiasmo, a fé e sobretudo a emoção. Uma história que começou fora de campo, no Brasil. Em 1950, servindo ao Exército, Zagallo assistiu fardado à tragédia no Maracanã.

Sonora Zagallo Eram 200 mil pessoas chorando. Jamais poderia pensar que, oito anos depois, eu estaria vestindo a amarelinha com o Brasil e conquistando títulos.

OFF (Pedro Bial) Em 1962, foi bicampeão. Em 1970, como técnico, foi tri. Em 1994, como supervisor, foi tetra. Amanhã, nossa estréia, dia 13 de junho é Dia de Santo Antônio. E a imagem do santinho vai estar lá com ele no banco o tempo todo, no jogo e fora do jogo.

Sonora Zagallo Ele estará comigo, se Deus quiser, até o dia 9 de julho, com a nossa chegada triunfante.

2) Jornal Nacional – Edição de 13 de junho de 2006 – Terça-Feira

Dia de jogo do Brasil

Cabeça (Fátima Bernardes) Toda partida de Copa tem um clima especial. Têm gente de várias partes do mundo reunida no estádio. Mas quando o jogo é do Brasil parece que tudo fica mais impressionante. Veja na reportagem de Marcelo Kubrusly.

OFF (Maurício Kubrusly) Depois do sufoco na entrada, muita gente ficou de fora. Até uma arara sem ingresso foi barrada. Os brasileiros sem tickets apelaram para um telão que atrai todas as torcidas: nações unidas da bola. E têm brasileiros por todo lado. Sem ingresso, mas empolgado. É a turma que tem fome de bola e não se queixa.

Povo fala Aqui é melhor

OFF (Maurício Kubrusly) Esses torcedores fanáticos...

Povo fala Ronaldinho! Ronaldinho!

OFF (Maurício Kubrusly) Por que será que todo mundo quer torcer pelo Brasil?

////////////////////////////////////

Detalhes do lance decisivo

Cabeça (Fátima Bernardes) Em uma partida de futebol, todo mundo espera o gol. Todo mundo espera que o goleiro do nosso time evite o gol. Mas o repórter Pedro Bial identificou, hoje, um lance fundamental no jogo, e não foi nem uma defesa, nem um gol.

OFF (Pedro Bial) A partida só começa a ser decidida quando o canhoto Adriano divide a bola na linha lateral direita e puxa a camisa 10 Nico Kovac. O capitão croata se machuca, seis minutos depois, aos 35 do primeiro tempo, Kovac vai até a beira do gramado para ser atendido.

Com o jogo parado nosso time se movimenta para valer pela primeira vez. Ronaldinho Gaúcho, Adriano, Emerson, Zé Roberto, o capitão Cafu e Kaká fazem uma reunião relâmpago e alguma coisa acontece na atitude da seleção.

Após nove minutos, o perfeito Emerson se antecipa e bloqueia mais um ataque perigoso da Croácia pela direita. O próprio Emerson arma o contra-ataque, a bola chega a Cafu, Kaká pede, Cafu demora, mas passa.

Aí, é a vez de Kaká não ter pressa de chutar. Ele evita a marcação e com a chapa do pé coloca a bola sem força ou esforço bem no ângulo.

No segundo tempo, a imagem de um jogo que valeu pelos três pontos. Um torcedor croata invade o campo comemorando a derrota por 1 a 0. A estréia brasileira anuncia uma Copa sofrida. Aliás, não seria a Copa sofrida uma redundância?

////////////////////////////////////

Cafu é inocentado

Cabeça (William Bonner) O capitão da seleção brasileira, Cafu, foi considerado inocente, hoje, por um tribunal de Roma da acusação de usar documentos falsos para obter um passaporte.

OFF (Ilze Scamparini) Depois de cinco anos de investigação, o processo contra Cafu está perto do fim. Hoje no tribunal de Roma, o pedido de nove meses de prisão para o capitão da seleção brasileira, e para a mulher dele, Regina, chegou às mãos de um juiz. Ele não aceitou a recomendação do Ministério Público.

Passagem Cafu foi absolvido de novo. Mas o promotor poderá recorrer na corte de cassação, à última instância da Justiça italiana. O juiz, Enrico Galucci, ao ser indagado sobre a coincidência entre esta audiência do processo e a estréia do Brasil na Copa do Mundo, respondeu ser absolutamente casual.

OFF (Ilze Scamparini) O advogado de defesa, Alessandro Cassiani, afirmou que o processo acaba aqui. O advogado acha muito improvável que o promotor recorra. "Eu liguei para Cafu e disse que estou muito contente que ele possa jogar tranqüilo", disse o advogado.

////////////////////////////////////

Brasil X Croácia

Cabeça (Fátima Bernardes) A partida de estréia foi dura, cheia de sustos. Mas, também teve um golaço de kaká.

OFF (Mauro Naves) Antes dos cinco minutos Ronaldinho Gaúcho se livra da marcação e o torcedor se empolga, parece que vai dar tudo certo. Engano. A ansiedade da estréia pesa. Falta inspiração para superar toda marcação da Croácia. Nos dois primeiros chutes certos, o de Roberto Carlos e a batida cruzada de Ronaldinho Gaúcho, o goleiro croata está atento. Para a Croácia interessa o jogo arrastado. Ela espera na defesa, para de vez em quando arriscar no contra-ataque. Dá trabalho ao goleiro Dida. Em uma rápida reunião no meio-campo alguns jogadores conversam na busca de alternativas e surge uma luz. A jogada que começa na defesa vai até Cafu na lateral, do capitão para Kaká, que de fora da área e de esquerda faz um golaço: 1 a 0 Brasil.

Na volta do intervalo se vê uma seleção mais disposta em campo. Mas ainda criando poucas chances. Ronaldo sumido no jogo dá seu primeiro chute ao gol aos dez minutos do segundo tempo. Ronaldinho Gaúcho tem chance mais clara na cabeçada, mas também não vence o goleiro. Sentido que o quadrado ofensivo está pouco inspirado, a Croácia cria coragem para atacar. Só não se dá bem porque o outro quadrado defensivo não deixa. Lúcido, Juan, Emerson e Zé Roberto ao lado de Didaé são destaques nesta estréia. Robinho também tem 20 minutos para mostrar à Parreira que pode ser utilizado durante mais tempo nas partidas. O magro 1 a 0 provoca festa da torcida croata, que temia por uma goleada.

Passagem Uma vitória simples, mas histórica. com este resultado o Brasil bateu um recorde: tem agora o maior número de vitórias consecutivas em mundiais. São oito, uma a mais do que a Itália.

////////////////////////////////////

Comentário de Galvão Bueno (VT)

Evidente que a seleção brasileira não jogou bem. Teve pouca movimentação, Ronaldo estava visivelmente fora de forma e o Adriano fora de posição.

O jogo foi sofrido e deixou o torcedor angustiado. Mas o objetivo principal foi alcançado. Se em jogo de estréia o importante é vencer, os três pontos estão aí.

No meio de o time excessivamente dependente de Kaká e Ronaldinho Gaúcho no ataque, a defesa respondeu a todas as críticas recebidas anteriormente. Dida foi seguro e decisivo. Lúcio e Juan foram simplesmente perfeitos. Acrescentando a eficiência de Emerson e vamos chegar à conclusão de que o quadrado funcionou, não o mágico no ataque, mas o do trabalho, lá atrás.

Comentários dos jogadores

Cabeça (Fátima Bernardes) Em Berlim, depois da partida contra a Croácia, o repórter Renato Ribeiro ouviu os jogadores brasileiros.

Passagem Os Ronaldos e Adriano não deram entrevistas depois do jogo. Em um dia em que se esperava muito do quarteto ofensivo do time, quem brilhou foi o quinteto responsável pela marcação e pela defesa: Dida, Lúcio, Juan, Emerson e Zé Roberto.

Sonora Zé Roberto Foi válida determinação de toda equipe, independente da parte defensiva ter aparecido mais do que a parte ofensiva. O que valeu foi o início com vitória e isso vai nos trazer tranquilidade para os jogos futuros.

Sonora Lúcio Foi bom porque a nossa equipe não tomou gol e sofremos um pouco mais no segundo tempo, mas resistimos bem.

OFF (Renato Ribeiro) Para o atacante Dado Prso, da Croácia, falou-se muito só do Brasil antes do jogo. Para ele, o resultado não refletiu o que foi a partida. O mais justo teria sido 1 a 1.

Sonora Cafu O Brasil conseguiu três pontos e isto para início da Copa do Mundo é importante. Faz com que se trabalhe mais tranquilo para o próximo jogo e corrija alguns erros, como os que aconteceram neste jogo.

////////////////////////////////////

Comentário Parreira

Cabeça (Fátima Bernardes) Para o técnico Parreira, a vitória de hoje foi um ótimo resultado, mas a seleção ainda vai crescer ao longo da Copa.

OFF (Marcos Uchôa) Para muitos o quadrado mágico ofensivo é algo que Parreira aceitou com um certo ceticismo. Quando, no primeiro tempo, Cafu ficou na roda entre três croatas, Parreira reclamou. A seleção gaguejava em campo e fluência só se via nas instruções e broncas de Parreira. Ele chamou Cafu para conversar. No segundo tempo o magro 1 a 0 fez com que ele preparasse Robinho para dar mais movimentação ao ataque. Mas as chances de ataque da Croácia o deixavam preocupado e até irritado. A vitória foi comemorada de uma maneira quase formal. Parreira estava satisfeito, mas não entusiasmado com a atuação do time.

Sonora Parreira Eu não esperava uma atuação 100% e nem era pra ter, porque é início da Copa e nós vamos crescer ao longo da competição.

Parreira reconheceu que a seleção não jogou bem, mas preferiu creditar a magra vitória à boa atuação da Croácia.

Passagem A próxima partida contra a Austrália, as duas seleções vitoriosas do grupo, para Parreira será decisiva.

Sonora Parreira É um time fisicamente forte Austrália, com uns quatro jogadores de bom nível técnico, que atuam no futebol europeu. Esse jogo passou a ser decisivo porque quem ganhar está praticamente classificado.

OFF (Marcos Uchôa) Parreira deixou claro que Ronaldo, mesmo não jogando bem, não vai ficar no banco.

Sonora Parreira Vai começar com Ronaldo, ele está escalado. Ele precisa ganhar ritmo e isso só jogando. Hoje o a temperatura estava alta e, naturalmente Ronaldo sentiu a fase inicial de jogos.

Kaká, o herói

Cabeça (Fátima Bernardes) Kaká correu muito, driblou, sofreu muitas faltas. Mas foi um chute preciso no fim do primeiro tempo que fez do meio-campo a face mais brilhante do quadrado mágico e da partida.

OFF (Tino Marcos) O abraço em Ronaldinho Gaúcho é o último ato de ternura. Quando começa o jogo, Kaká é agressividade. E também erra, quem sabe nervoso com a estréia como titular em uma Copa. Busca diálogo com Ronaldinho. Ele é o mais perseguido em campo. O Brasil sofre. Um jejum de 43 minutos até que a perna esquerda de Kaká, a improvável, faz a bola viajar no destino certo: o gol. Com o capricho de um cobrador de faltas. Kaká, a base da pirâmide é a alegria brasileira.

No segundo tempo, fôlego pela esquerda. É falta. De longe ele bate. E os croatas batem em Kaká, o brasileiro que deu alívio a 180 milhões de compatriotas.

Passagem O sucesso de Kaká é parte de um roteiro que começou a ser esboçado durante a preparação. Ele foi o melhor nos treinos físicos. O destaque nos treinos com bola. Faltava a confirmação no grande palco da estréia.

Sonora Kaká O próximo jogo vai ser bem melhor, já tira essa tensão de primeiro jogo, de estréia, então daqui pra frente as coisas melhoram.

OFF (Tino Marcos) Para o técnico Parreira, a vitória de hoje foi um ótimo resultado, mas a seleção ainda vai crescer ao longo da Copa.

////////////////////////////////////

3) Jornal Nacional – Edição de 14 de junho de 2006 – Quarta-Feira

Quadrado mágico não encantou

Cabeça (Fátima Bernardes) Foi um dia de folga para os jogadores, mas também um dia de avaliação. A vitória de ontem deixou no ar algumas dúvidas. E talvez a maior delas seja sobre o desempenho do ataque da seleção.

OFF (Tino Marcos) O adversário brasileiro hoje foi o sistema de localização por satélite. Ir para Frankfurt só com ajuda do GPS. Parreira também passeou nesta folga, mas voltou cedo para acompanhar pela TV os jogos da rodada de hoje. Apesar do resultado magro, conseguido pela seleção contra a Croácia, o técnico não pensa em fazer alterações na equipe para o jogo de domingo contra a Austrália.

Passagem O técnico não muda o time nem o esquema tático. Quer mais movimentação no ataque. Para que o quarteto ofensivo funcione bem é preciso que Kaká e Ronaldinho Gaúcho cheguem mais vezes à frente. Já Ronaldo e Adriano não podem ocupar o mesmo espaço. E por causa da marcação da croata, o quadrado ficou sem magia.

Sonora Parreira Eu acho que a dificuldade de penetração foi muito grande. Os homens de meio de campo foram muito bem marcados. O Ronaldinho foi muito bem marcado, o Kaká também, sempre tinha um jogador em cima.

OFF (Tino Marcos) A dificuldade dos outros dois foi chutar a gol. Adriano só conseguiu desviar um chute de Robinho. Ronaldo demorou 55 minutos para arriscar pela primeira e única vez. O atacante pegou apenas 14 vezes na bola nos 70 minutos em que esteve em campo. O substituto Robinho, em 20 minutos, esteve com ela nos pés por 18 vezes. Nas sete jogadas que disputou, Ronaldo ganhou apenas uma. Ainda assim ele não gostou de ser substituído por Parreira pela primeira vez em um jogo oficial. Coube ao capitão Cafu a tarefa de tranquilizar o companheiro.

Sonora Cafu Ronaldo sabe da importância dele para a seleção brasileira, para esse grupo, eu deixei isso claro para ele ontem. Ele vai andando e nós vamos correndo atrás dele. Ele é o nosso carro-chefe.

////////////////////////////////////

Os craques da defesa

Cabeça (Fátima Bernardes) Se o ataque brasileiro decepcionou, a defesa cumpriu seu papel. E muitos torcedores se surpreenderam com isso - porque não viam na defesa os maiores astros da seleção. A reportagem é de Renato Ribeiro.

OFF (Renato Ribeiro) Depois da estréia, um joguinho mais fácil. Com o filho, em casa. Privilégio de quem mora na Alemanha. Zé Roberto foi para casa em Munique. Folga merecida para que foi um dos destaques da vitória.

Passagem É cultural do brasileiro. Gostamos de falar sobre atacantes, sobre jogadas ofensivas. Por isso, os jogadores de defesa sofrem. Geralmente são lembrados só quando falham. Hora de prestarmos atenção em quem trabalha muito e aparece pouco.

Sonora Zé Roberto Diante de um jogo difícil contra a Croácia, uma estréia, onde há muita ansiedade, nervosismo e a defesa conseguir superar tudo isso e fazer uma boa atuação, é claro que nos enche de orgulho.

OFF (Renato Ribeiro) Marcação, desarme, roubadas de bola. Zé Roberto fez só uma falta no jogo. Pode não ser bonito, mas foi eficaz. Emerson e Zé Roberto são os guardiões. Protegem os zagueiros e os laterais. Quando alguém da defesa sobe para o ataque, eles dão cobertura e reforçam a marcação. Por exemplo, na subida de Lúcio ou Juan, Emerson se transforma em zagueiro. E assim, a defesa fez sua parte. Mesmo quando o esquema defensivo não segurou os croatas, mais uma barreira surgiu. Dida, reserva em duas

Copas, falou alto: sou o número 1. Defensores. Sempre discretos. Em vez da explosão de quem decide um jogo, alegria contida de quem cumpriu sua missão.

////////////////////////////////////

Ronaldo se queixa de dor-de-cabeça e faz exames em clínica de Frankfurt

Nota seca (Fátima Bernardes) Ronaldo acordou hoje se queixando de dor-de-cabeça. Ele fez exames em uma clínica médica em Frankfurt e nada foi diagnosticado, segundo o médico da seleção, José Luiz Ronco. A informação até agora é a de que o atacante está liberado para treinar amanhã.

////////////////////////////////////

Imprensa mundial crítica a seleção brasileira

Cabeça (Fátima Bernardes) O Brasil chegou na Alemanha pentacampeão mundial e favoritíssimo à conquista da Copa. E isso ajuda a explicar a alegria enorme da imprensa internacional com o placar magro de 1 a 0 na nossa estréia. A reportagem é de Marcos Uchôa.

OFF (Marcos Uchôa) Os jornais alemães foram bastante críticos. Um disse que não se viu a gala do circo Brasil. Outro disse que a seleção não dançou o samba. O Bild, o de maior circulação foi ainda mais ácido. Criticou muito o Ronaldo e perguntou: “você quer ser campeão pela sexta vez jogando assim?”. O L’Equipe, jornal francês, e o principal de esportes da Europa, lembrou que a seleção bateu um recorde ao conseguir oito vitórias seguidas. Mas ponderou que se esse time quiser entrar para a história, não vai ser com atuações assim. O La Gazzetta dello Sport, da Itália, em manchete: pouco Brasil, muito Kaká. E comentou que a seleção sai redimensionada depois desse primeiro jogo.

Passagem Bem vindos de volta à Terra. Essa é uma idéia bastante repetida. De uma maneira geral, dos quatro do quarteto mágico, só Kaká foi poupado de críticas. Mas a seleção e o quarteto desafinaram na estréia. Esse foi o veredito.

OFF (Marcos Uchôa) O comentário mais comum é que a seleção desapontou. Ao mesmo tempo, o jornal inglês faz uma observação pertinente. Diz que o futebol que se vê nos anúncios, nas propagandas de televisão, é bem diferente do real. E que é normal em Copas do Mundo se começar devagar e ir melhorando aos poucos.

////////////////////////////////////

Viagens da seleção na Copa

Cabeça (Fátima Bernardes) Ontem, a seleção viajou 554 quilômetros, de Königstein até Berlim. O grupo percorreu 20 quilômetros de ônibus até o aeroporto de Frankfurt e vôou durante uma hora para a capital alemã. Outras viagens vêm por aí.

Nota coberta (Fátima Bernardes) Na sexta-feira, a equipe deixa Königstein e vai voar durante 50 minutos de Frankfurt até Munique, para enfrentar a Austrália no domingo. Depois do jogo, uma hora de vôo até Colônia e mais 30 quilômetros de estrada até Bergisch Gladbach, onde o Brasil vai passar a se concentrar. No dia 21, véspera da partida contra o Japão, 79 quilômetros de ônibus até Dortmund. Se a seleção se classificar para as oitavas de final como a primeira do grupo F, vai voltar para Bergisch Gladbach e jogar em Dortmund no dia 27 contra o segundo colocado do grupo E. Se o Brasil for o segundo do grupo F, vai pegar um vôo de 45 minutos até Mannheim e depois mais 40 quilômetros de ônibus até Kaiserslautern para jogar no dia 26 contra o primeiro colocado do grupo E.

////////////////////////////////////

Detalhes Brasil X Croácia

Cabeça (Fátima Bernardes) O jogo Brasil e Croácia de um jeito que você ainda viu. São as mesmas jogadas que provocaram a apreensão dos torcedores ou a festa. Mas captadas por câmeras exclusivas em ângulos inéditos. Um show de imagens apresentado por Pedro Bial.

OFF (Pedro Bial) Acredite eram seis bilhões de pessoas na nave de Berlim. Emerson acerta o passo para entrar com o pé direito. Dida, vai além e se benze. Eram seis bilhões de pessoas, mas faltava alguém: "Pai obrigado", agradece Ronaldinho Gaúcho. O craque mais visado dessa copa começa prometendo espetáculo e quase marca em um chute calculado, com a ajuda esperta do corta luz de Juan.

Juan, Lúcio, Zé Roberto e Emerson. Aula de defesa. Sabe como se chama o momento em que defesa e ataque viram, um só corpo: contra-ataque. Por exemplo, Emerson se antecipa, rouba a bola, a bola volta para Emerson que sozinho se manda e abre para Cafu.

Cafu levanta a cabeça e examina todas as opções de passe. Passa, Kaká recebe, ignora o marcador croata, parte para o chute e espia. O olhar do craque dura dois décimos de segundo e enxerga o que a gente não vê, decifra. Depois é só colocar, espirar o goleiro se esticar todinho. Apreciar a rede estufar. Gritar, abraçar, gol. Kaká, o cara.

////////////////////////////////////

4) Jornal Nacional – Edição de 15 de junho de 2006 – Quinta-Feira

O que há com Ronaldo?

Cabeça (Fátima Bernardes) Ronaldo diz que não há nada com ele. Hoje de manhã, antes do treino, jornalistas do mundo todo fizeram a mesma pergunta. E este é o tema da reportagem de Tino Marcos.

OFF (Tino Marcos) Ele anda chateado. Não é esse o Ronaldo que o mundo conhece. Não é o jogador apático, quase estático, que passou 68 minutos em campo, deu um único chute a gol e conheceu o som da via numa Copa do Mundo.

Passagem Tino Marcos Ele próprio reconheceu que Parreira acertou em substituí-lo. Os últimos três dias foram um martírio para Ronaldo. Jogou mal na terça, passou mal na quarta. Se aborreceu na quinta.

Sonora Ronaldo Acho que tem que ver qual a verdadeira dimensão que eu mereço. Se cada probleminha aqui tiver uma repercussão enorme, acho que ninguém merece essa pressão desnecessária.

OFF (Tino Marcos) O Fenômeno sente-se vítima do excesso de peso. Não da balança, eterna polêmica. Mas daquele que pesa sobre os ombros. Há três semanas, quando se apresentou à seleção, quem era Ronaldo?

Sonora de arquivo Ronaldo Quero chegar tranquilo, no sapatinho, querendo reconquistar o espaço outra vez.

OFF (Tino Marcos) Sapatinho, discrição? Não foi assim. Ronaldo e o DJ na noite suíça estampados no jornal. Notícia: Ronaldo e as cinco bolhas. Notícia: Ronaldo e a febre. Mais notícia: ontem ele foi para o hospital em Frankfurt. Foi levado pelos médicos da seleção preocupados com a queixa do artilheiro.

Sonora Ronaldo Eu tinha tontura, enjôo e muita dor de cabeça.

OFF (Tino Marcos) Foram vários exames, inclusive uma endoscopia, onde uma sonda desce pela garganta para investigar problemas digestivos (Arte). Tudo normal.

Sonora Ronaldo Acho que não há relação desses problemas com origem emocional.

Sonora José Luiz Runco Não podemos afastar a possibilidade da sobrecarga de estresse ser motivo da pessoa ter um quadro de tonteira.

OFF (Tino Marcos) A ida ao hospital foi ontem. Dia de folga pós-jogo. Kaká disse que pouco antes da estréia, Ronaldo se queixou aos companheiros.

Sonora Kaká Antes da partida ele se queixou de dor de cabeça.

OFF (Tino Marcos) Ronaldo desmentiu:

Sonora Ronaldo Antes do jogo não tive nenhum problema.

Sonora Runco Em momento algum ele teve quadro de vômito, indisposição.

Sonora Ronaldo As pessoas vão querer associar esse problema da quarta-feira com o jogo, mas não teve nada a ver, me senti bem no jogo, não tive boa atuação, mas não está escrito no meu manual que eu tenho que jogar bem sempre.

OFF (Tino Marcos) Ronaldo e Copa do Mundo. Nela, ele se consagrou. Mas essa é uma relação de muita turbulência. Em 1998, o principal jogador da seleção teve uma convulsão no dia da final com a França. E o Brasil perdeu, 3 a 0. Em 2002, vinha de uma penosa recuperação. Foram duas cirurgias graves no joelho e

poucos acreditavam em Ronaldo. Ele foi decisivo na conquista do penta. Agora, ele de novo, no centro das atenções. Ainda sem gols para contar. Os companheiros visivelmente tentam alegrá-lo.

Sonora Kaká Todos sabem da importância do Ronaldo, todos vão ajudar.

OFF (Tino Marcos) Então é esse o remédio que Ronaldo imagina precisar?

Sonora Ronaldo Não existe nenhum motivo de tanta solidariedade.

OFF (Tino Marcos) Seja como for, hoje o que se viu foi Ronaldo fazendo força para buscar seu maior sorriso.

////////////////////

Dona Sonia diz que Ronaldo se sentiu mal

Cabeça (Fátima Bernardes) À tarde, numa cidade perto de Munique, o repórter Renato Ribeiro entrevistou a mãe do Ronaldo. E dona Sônia disse que Ronaldo se sentiu mal durante a partida contra a Croácia.

OFF (Renato Ribeiro) No peito, no pescoço, no pulso. Dona Sonia já está pronta para ir ao estádio domingo.

Sonora Sonia No próximo domingo vamos ver o nosso Ronaldo firme e forte.

OFF (Renato Ribeiro) O Ronaldo que ela viu em campo terça-feira em Berlim a deixou apreensiva. Por telefone, ele disse à mãe que não se sentiu bem durante o jogo. E que pediu para ser substituído.

Sonora Sonia Eu como mãe achei ele com um pouco de mal-estar. E ele confirmou, mas aquilo foi que realmente a semana inteira ele estava com resfriado muito forte.

OFF (Renato Ribeiro) Quem é mãe entende. Ver e ouvir seu filho sendo vaiado numa Copa...

Sonora Sonia Eu fiquei muito chateada. Mas é assim mesmo. Acontece.

Passagem Hoje, Ronaldo tranquilizou a mãe. Disse que está bem e que não tem nada.

OFF (Renato Ribeiro) Mas o que tem deixado dona Sonia bem chateada é não encontrar na Alemanha os ingredientes para seu chá especial. Aquele que só mãe sabe fazer.

Sonora Sonia Chá de laranja da terra. Eu digo para ele colocar um pouco de hortelã dentro. É aquele chá de mãe mesmo. Socar um alho, um pouco de mel. Ele acha horroroso, mas é legal.

OFF (Renato Ribeiro) Não vai ter o chazinho milagroso para o jogo de domingo, mas a mãe já está à espera do filho em Munique.

Apoio de Cafu a Ronaldo

Cabeça (Fátima Bernardes) Ronaldo tem o carinho da mãe, na Alemanha - e também o apoio dos companheiros. Especialmente do capitão Cafu.

OFF (Tadeu Schmidt) Se ele precisa de um "empurrãozinho", estão todos dispostos a colaborar. Mas é Cafu quem tem se apresentado como o homem que cuida do time.

Sonora Cafu Eu sou só um amigo que está torcendo para que outro amigo possa se dar bem.

Passagem Não são papéis assumidos, mas até quando nega, Cafu assume a função que está exercendo. Pergunte a ele sobre Ronaldo. Quer ouvir a primeira resposta do capitão?

Sonora Cafu Não. Vamos colocar um ponto final. Passou. Acabou. É um outro Ronaldo. Um Ronaldo sorridente, um Ronaldo alegre, um Ronaldo feliz...

Passagem Mas como está Ronaldo? O que é que ele disse?

Sonora Cafu Ele já mudou. Tá beleza, tá tranquilo, tá sereno, tá querendo muito. Tá cheio de vontade.

Passagem Será que essa história toda vai atrapalhar o Ronaldo e a seleção?

Sonora Cafu Não. Vamos pensar positivo, gente! Acabou os problemas do Ronaldo. Não vai ter mais problemas. O Ronaldo vai atropelar todo mundo.

OFF (Tadeu Schmidt) É ou não é um protetor?!

////////////////////////////////////

Treino tático

Cabeça (Fátima Bernardes) O técnico Carlos Alberto Parreira comandou hoje um treino tático em Königstein. E foi acompanhado de perto pelos repórteres Pedro Bial e Fernando Calixto.

OFF (Pedro Bial) No fim, ele terá que tomar a decisão sozinho. Método “Parreira” para baixar a tensão: roda o apito pra lá, roda o apito pra cá... Flanando pelo gramado, vai relaxando. Sorriso fácil, brinca com o conselheiro mais velho, escuta o assistente mais novo. Até que chega a hora de trabalhar. A fisionomia se transforma. Fica sério como um Aiatolá. Os olhos não param. Tentam ver tudo ao mesmo tempo. Também dá as suas arrancadas. Por trás de cada movimentação do time está Parreira. Nas mãos dele e em seus dedos longos, um leque de escolhas. Para onde aponta Parreira?

Sonora Parreira

Pedro Bial – Você tem medo de mudar?

Parreira – Não. Quando houver necessidade... Eu mudei muitas vezes na vida, na minha atividade, no meu trabalho. Havendo necessidade, nós temos a obrigação de mudar. Havendo necessidade...

Pedro Bial – Alguma necessidade no horizonte?

Parreira – Não vejo nenhuma, por enquanto.

Pedro Bial – O Ronaldo nessa situação frágil?...

Parreira – Não. Ronaldo vai continuar jogando. Aliás, já está escalado para o próximo jogo.

////////////////////////////////////

Parreira diz que não tem jogador intocável

Cabeça (Fátima Bernardes) Parreira confirmou Ronaldo para o jogo contra a Austrália, mas disse também que não há ninguém com cadeira cativa na seleção brasileira. A reportagem é de Mauro Naves.

OFF (Mauro Naves) O time é o mesmo, e não muda nem nos treinos. A idéia é dar mais ritmo a quem reconhece que ficou devendo na estréia.

Sonora Juninho Eu acho que é um pouco injusto falar só do Ronaldo porque toda equipe não funcionou. Se a equipe tivesse jogado um pouco melhor, talvez o Ronaldo também tivesse jogado um pouco melhor.

Passagem Parreira não esconde que todos têm crédito na seleção. O de Ronaldo, então, é enorme. Mas a atuação dele diante da Croácia serviu de alerta ao treinador. E, apesar de não mostrar publicamente, já pensa em alternativas.

Sonora Parreira As opções já foram todas estudadas.

OFF (Mauro Naves) Se o técnico Parreira resolver alterar a equipe sem mexer no esquema tático, Robinho é quem tem mais chances de conseguir uma vaga na equipe. Mas se o quadrado mágico for desmontado, Juninho é quem passa a ser a bola da vez. Ele reforçaria o meio-campo e o Brasil passaria a ter apenas um atacante fixo. Durante um ano e meio, Juninho foi titular de Parreira nesse sistema.

Sonora Juninho Como o próprio Parreira já falou, ele tem várias opções para entrar, e a que ele escolher a gente tenta sempre fazer o melhor.

OFF (Mauro Naves) Robinho torce para o técnico manter o quadrado, mesmo que isso signifique disputar uma vaga com o amigo.

Sonora Robinho A gente está preparado para tudo, lógico que eu não imaginava que eu ia disputar posição com o Ronaldo, que é um amigo fora de campo e um excelente jogador.

Sonora Parreira A seleção brasileira não tem jogador intocável, tem jogadores importantes.

////////////////////////////////////

5) Jornal Nacional – Edição de 16 de junho de 2006 – Sexta-Feira

De olho nos cangurus

Cabeça (Fátima Bernardes) O hotel em que a seleção brasileira está hospedada fica a cerca de quatro quilômetros do centro histórico de Munique, numa situação bem diferente da que havia em Königstein. Munique tem 1,3 milhão de habitantes e é a capital da Baviera. Isso obriga as autoridades e os organizadores a multiplicar os cuidados com a segurança na área do hotel.

A seleção mudou completamente de ares depois de 12 dias na cidadezinha de Königstein. Pela manhã, o último treinamento feito lá foi muito voltado para as formas de se livrar da marcação forte dos australianos, nossos adversários de domingo. O repórter Mauro Naves acompanhou.

OFF (Mauro Naves) O último treinamento da seleção brasileira em Königstein foi voltado para as formas de se livrar da marcação forte dos australianos, nossos adversários de domingo. Recado claro para a dupla de atacantes: é preciso mais movimentação. Aos outros, um aviso: o forte da Austrália é a marcação. Por isso, a maior parte do treino foi feita em metade do campo. A proximidade entre os jogadores exige velocidade de raciocínio. Quem vacila perde a bola com facilidade. Parreira já mostrou ao grupo, através de vídeos, como joga o adversário.

Sonora Ronaldinho Gaúcho São todos jogadores fortes, que gostam de contato físico, marcam muito bem e saem forte no contra-ataque.

OFF (Mauro Naves) Na teoria, a seleção já sabe o que fazer.

Sonora Juan Tentar colocar a bola no chão e tocar, que é o nosso forte. O principal é jogar com velocidade e conseguir a vitória.

Passagem A seleção se despede da cidade de Königstein sem ter feito por lá nenhum treino aberto ao público. Mas isso não significa que ninguém conseguiu ver os ídolos em ação. E, para conseguir isso, a torcida local deu aquele jeitinho brasileiro.

Sonora torcedora É a única oportunidade que a gente teve. Tentamos os ingressos e nada. Do buraquinho, está dando tranqüilo.

OFF (Mauro Naves) Um português explica por que os treinos brasileiros são mais interessantes do que os da seleção do país dele: "Aqui tem mais alegria". Tomara que no domingo essa felicidade se traduza em gol.

////////////////////////////////////

Nasce filho de Adriano

Nota seca (Fátima Bernardes) E se os gols vierem no domingo – e se Adriano for o autor de pelo menos um –, vamos ficar de olho na comemoração. Nasceu nesta sexta-feira, no Rio de Janeiro, o primeiro filho do atacante: Adriano Carvalho Ribeiro. O bebê pesa 3,6 quilos e mede 51 centímetros. O novo papai já recebeu uma foto do neném.

////////////////////////////////////

Ronaldo treina forte

Cabeça (Fátima Bernardes) O Jogo contra a Austrália será decisivo para o atacante. Ronaldo diz que quer apagar a última atuação e voltar a vencer. De acordo com a equipe técnica da seleção, ele está treinando mais que os outros atletas. A contagem regressiva para o jogo de domingo não é a mesma para todos na seleção. O repórter Tino Marcos conta que a partida vai ser decisiva para Ronaldo.

OFF (Tino Marcos) Nem treinando a cabeça dói mais. Dois dias depois de parar no hospital, Ronaldo não é mais vítima do mal-estar. O estado de saúde do jogador foi destaque nos jornais europeus. Alguns pegaram pesado:

Passagem "Monolito na areia movediça". Como ele reage às pressões e às provocações? Fechando a boca para as entrevistas e as calorias. Sobre o próximo jogo, uma frase em cinco segundos e chega:

Sonora Ronaldo Minha expectativa é apagar minha última atuação e voltar a vencer.

OFF (Tino Marcos) Desde ontem ele vem sendo o jogador que mais treina.

Sonora Moracy Santanna Quando não tem treino no campo, ele faz uma série de musculação, com intervalos na bicicleta, e mais o treinamento da tarde. A gente vê que, pela balança, o peso dele está caindo.

Sonora José Luiz Runco Eu acho que as pessoas notam que o Ronaldo hoje está com outra cara.

OFF (Tino Marcos) Segundo os médicos, Ronaldo está usando uma medicação para corrigir possíveis problemas com o uso de outros remédios.

Sonora José Luiz Runco Como ele fez uso de antiinflamatório, antibiótico e analgésico na época em que apresentou o quadro de sinusite, isso pode ter causado um pouco de irritação. Ele está fazendo uma medicação, junto com alimentação, para que possa ter tranquilidade e fique completamente assintomático como está atualmente.

OFF (Tino Marcos) Ronaldo vai ser titular em Munique. Mas se voltar a jogar mal deve perder o lugar no time. Até o jogo, é treinar e se cuidar. Com ele, o inesperado está sempre por perto.

////////////////////////////////////

Preparo físico brasileiro

Cabeça (Fátima Bernardes) Os muitos gols marcados no finzinho das partidas têm chamado a atenção para a preparação física dos jogadores nesta Copa do Mundo. Veja na reportagem de Glenda Koslowsky.

OFF (Glenda Koslowsky) Músculos em ação, na Alemanha o condicionamento físico virou manchetete.

Sonora Parreira É a Copa da saúde. Isto está sendo mostrado a cada jogo.

OFF (Glenda Koslowsky) A Austrália, próxima adversária do Brasil, parecia cansada contra o Japão. Bastou fazer duas substituições, em oito minutos Cahill e Aloisi, os reservas mostraram o poder dos pulmões em dia com a malhação. Já os japoneses derreteram com o calor.

Sonora Parreira As equipes se prepararam durante um mês e todos estão saudáveis. A velocidade, a marcação o tempo todo, essa transição defesa ataque ataque e defesa é feita com intensidade.

OFF (Glenda Koslowsky) A seleção brasileira tem o time dos sarados. Adriano é o tanque, mas contra a Croácia faltou combustível. O Ronaldinho Gaúcho do Grêmio, bem diferente do atual o Ronaldinho Gaúcho.

Passagem Aos 22 anos, o caçula do Brasil também mudou. Robinho está sentindo em campo os benefícios da musculação. Sabe o jogador cai cai, esse apelido ele não quer ter.

Sonora Robinho Eu ganhei um pouco mais de massa muscular e não caio tanto, como acontecia no começo. Esse trabalho só está me ajudando.

OFF (Glenda Koslowsky) O atacante deixou o Santos pesando 65 kg e depois de 11 meses no Real Madrid chegou a 70. E pelo jeito não pára por aí.

Sonora Robinho Isso está me ajudando. Ainda não sou um Adriaño, mas...

OFF (Glenda Koslowsky) Força é importante, mas hoje, os argentinos mostraram que talento também faz uma enorme diferença.

////////////////////////////////////

Perfil do árbitro do jogo de domingo da seleção

Cabeça (Fátima Bernardes) O árbitro da partida de domingo foi anunciado hoje. Um assunto para Arnaldo Cezar Coelho, de Munique.

Nota seca Arnaldo Cezar Coelho O alemão Marcos Meck, tem 44 anos, é dentista e é um dos árbitros mais experientes da Copa. Ele apitou a última Copa, na coréia e Japão. Ele tem um excelente preparo físico, é triatleta e é muito rigoroso na aplicação das leis. Vai precisar de ser muito enérgico no jogo Brasil e Austrália já que os australianos jogam com muito vigor físico e às vezes são violentos. Portanto vai ser um jogo de muito trabalho para arbitragem.

////////////////////////////////////

O técnico Felipão fala sobre Ronaldo

Cabeça (Fátima Bernardes) A seleção de Portugal pode passar às oitavas-de-final amanhã com uma vitória sobre o Irã, em Frankfurt. Hoje, o técnico Felipão falou sobre métodos que usa para cuidar dos Ronaldos. Tanto o português quanto o fenômeno brasileiro. A reportagem é de Régis Rösing.

OFF (Régis Rosing) Rugas de preocupação. Depois da vitória por 1 a 0 sobre Angola pelo grupo B, não anda cheirando bem para Felipão ter que enfrentar o Irã, do meia Karini, campeão alemão de 2006 pelo Bayern de Munique.

Sonora Felipão Dos três jogos, é o jogo mais difícil. É o jogo que nós temos muito mais riscos por uma série de detalhes que essa equipe do Irã tem, e que Angola não tinha. São características diferentes. E que o México não tem.

OFF (Régis Rosing) O México fez 3 a 1 no Irã. Para Portugal também vencer Luiz Felipe acredita que pequenos gestos trazem grande consequência. E como pai orgulhoso do filho, o técnico observa, tenta acompanhar os passes do atacante de 21 anos do Manchester. A família Scolari portuguesa já viu que Felipão não vive sem Ronaldo.

Sonora Felipão Com o Cristiano Ronaldo, não é uma questão de mimo, mas uma questão de carinho, uma questão de mostrar determinadas situações que ainda não foram vivenciada por ele.

OFF (Régis Rosing) Luiz Felipe Scolari aplica no Ronaldo português o método bem-sucedido que usou no Ronaldo brasileiro na conquista do penta. Felipão sabe o que é preciso para o atacante brasileiro colaborar mais na luta pelo hexa.

////////////////////////////////////

A humildade de um guerreiro da seleção

Cabeça (Fátima Bernardes) Quando a seleção brasileira se despediu de Königstein, hoje, o repórter Tadeu Schmidt conversou com Emerson. E encontrou um jogador tranquilo - apesar de as copas do mundo reservarem, pra ele, emoções muito fortes.

OFF (Tadeu Schmidt) O meio-campo Emerson tem habilidade sim. Mas o negócio dele não é levar. É tirar a bola.

Sonora Emerson Se eu não fizer um gol, mas conseguir roubar umas 20, 30 bolas no meio do campo eu estou fazendo a minha parte.

Sonora Zé Roberto Você jogando, você nota que ele é um jogador que dá muito bote, então o apelido dele é puma.

OFF (Tadeu Schmidt) Jogador de marcação com salário compatível ao dos melhores atacantes. Mas no caso dele, o respeito e a competência não puxam a popularidade.

Passagem Você conhece alguma criança que tenha a camisa da seleção com o nome Emerson? Aliás, responda rápido, qual o número do Emerson?

Sonora crianças Kaká, Ronaldo, Ronaldinho.

OFF (Tadeu Schmidt) Um monte de nomes, cadê o Emerson? Quem está perto é que vê. Seu técnico no Juventus da Itália é Fabio Capello, um dos mais respeitados do mundo. E diz que onde for o leva junto. Tem propostas de vários clubes europeus. Todo técnico da seleção convoca o rapaz. A história do Emerson nas Copas começou no susto. Em 1998, chamado para substituir o astro maior: Romário.

Sonora Emerson Aquele ano foi muito difícil.

OFF (Tadeu Schmidt) Em 2002, era capitão e virou vítima. Machucado na véspera da estréia, não foi penta.

Sonora Emerson Na hora do bem bom fiquei de fora.

OFF (Tadeu Schmidt) Agora, só falta o bem bom, para consagrar o camisa 5 da seleção.

////////////////////////////////////

Seleção já está em Munique

Cabeça (Fátima Bernardes) A seleção desembarcou na noite desta sexta-feira em Munique. E, como mostra a reportagem do repórter Renato Ribeiro, não vai faltar apoio da torcida para o jogo de domingo contra a Austrália.

OFF (Renato Ribeiro) Segunda parada: Munique. Mudou a cidade, mas não mudam as manias de cada jogador. Kaká, meio-campo e cinegrafista. Ronaldinho Gaúcho, o melhor do mundo com o batuque. A seleção desembarcou tarde. Eram 22h30, hora da Alemanha. Por isso, poucas pessoas na porta do hotel. A torcida chegou bem antes do time. Marienplatz, a praça que fica no centro de Munique e que é o cartão postal da cidade se transformou. O ânimo é proporcional ao tamanho da caneca: um litro de cerveja. Brasileiros que apreciam a bebida alemã. E alemãs que apreciam algo bem brasileiro. Roda de capoeira, sucesso em Munique.

Passagem São esperados na cidade 20 mil brasileiros, mas nem todos estão com entrada para a partida. Domingo, os brasileiros sem ingresso poderão assistir ao jogo de graça da arquibancada, mas não vai ser daquela arquibancada que eles imaginavam.

OFF (Renato Ribeiro) Um telão no parque projetado para as Olimpíadas de 1972 é o ponto de encontro para quem não consegue entrar no estádio. Hoje os brasileiros estiveram por lá, em minoria. Tentaram secar a Argentina, sem sucesso. Mas domingo, o parque vai mudar de cor.

////////////////////////////////////

Anexo II – Espelho da edição do Jornal Nacional do dia 13 de junho de 2006¹³

¹³ O espelho do programa do dia 13 de junho foi colocado a título de exemplificar como foram realizadas as etapas de coleta e seleção de dados. Por este motivo os espelhos dos outros programas analisados não estão disponíveis neste

Jornal Nacional – Edição: 13/06/06 – Duração total: 30'47"				
	Matéria	Tipo ¹⁴	Duração	Repórter/ Local ¹⁵
01	Escalada	NC	00'53"	William Bonner (Estúdio ¹⁶) / Fátima Bernardes (Berlim)
Bloco 01 – 10'42" (duração)				
02	Vinheta abertura	Tec	00'14"	Técnica (Estúdio)
03	Dia de jogo do Brasil	Cab	01'06"	William Bonner (Estúdio) / Fátima Bernardes (Berlim)
04	Dia de jogo do Brasil	VT	00'51"	Maurício Kubrusly (Berlim)
05	Detalhes do lance decisivo	Cab	00'16"	Fátima Bernardes (Berlim)
06	Detalhes do lance decisivo	VT	1'28"	Pedro Bial (Berlim)
07	Detalhes do lance decisivo	NP	00'07"	Fátima Bernardes (Berlim)
08	Cafu inocentado	Cab	00'14"	William Bonner (Estúdio)
09	Cafu inocentado	VT	00'50"	Ilze Scamparini (Roma)
10	Mapa tempo	Inf	00'27"	Rosana Jatobá (Estúdio)
11	Irmão de guitarrista tem alta	Cab	00'11"	William Bonner (Estúdio)
12	Irmão de guitarrista tem alta	VT	01'05"	André Luiz Azevedo (Rio de Janeiro)
13	Incêndio em Porto Alegre	Cab	00'09"	William Bonner (Estúdio)
14	Incêndio em Porto Alegre	VT	00'53"	Jonas Campos (Porto Alegre)
15	Incêndio em Porto Alegre	NP	00'04"	William Bonner (Estúdio)
16	Cisjordânia ataques	NC	00'19"	William Bonner (Estúdio)
17	Bush visita Iraque	NC	00'10"	William Bonner (Estúdio)
18	Mercado financeiro	NS	00'26"	William Bonner (Estúdio)
19	Prazo para Varig	Cab	00'12"	William Bonner (Estúdio)
20	Prazo para Varig	VT	00'57"	Roberto Kovalick (Nova Iorque)
21	Prazo para Varig	NP	00'12"	William Bonner (Estúdio)
22	Olha lá	Téc	00'19"	Imagens torcedores de várias partes do Brasil
23	Passagem de bloco	NC	00'12"	Fátima Bernardes (Berlim)
Bloco 02 – 08'18" (duração)				
24	Vinheta abertura	Tec	00'02"	Técnica (Estúdio)
25	Olha lá	Téc	00'20"	Imagens de torcedores de várias partes do Brasil
26	Tunísia X Arábia Saudita	Cab	00'44"	Fátima Bernardes (Berlim)
27	Tunísia X Arábia Saudita	VT	01'01"	César Tralli (Munique)
28	Brasil X Croácia	Cab	00'11"	Fátima Bernardes (Berlim)
29	Brasil X Croácia	VT	02'07"	Mauro Naves (Berlim)
30	Comentário	VT	00'47"	Galvão Bueno (Berlim)
31	Comentários jogadores	Cab	00'14"	Fátima Bernardes (Berlim)
32	Comentários jogadores	VT	01'01"	Renato Ribeiro (Berlim)
33	Comentário Parreira	Cab	00'08"	Fátima Bernardes (Berlim)
34	Comentário Parreira	VT	01'25"	Marcos Uchoa (Berlim)
35	Olha lá	Téc	00'18"	Imagens de ruas vazias em várias partes do Brasil
36	Passagem de bloco	NC	00'10"	Fátima Bernardes (Berlim)
Bloco 03 – 04'44" (duração)				
37	Vinheta abertura	Tec	00'03"	Técnica (Estúdio)
38	Olha lá	Téc	00'21"	Imagens de torcedores em Florianópolis
39	França X Suíça	Cab	00'18"	Fátima Bernardes (Berlim)
40	França X Suíça	VT	01'20"	João Pedro Paes Leme (Stuttgart)
41	Coréia do Sul X Togo	Cab	00'06"	Fátima Bernardes (Berlim)
42	Coréia do Sul X Togo	VT	01'16"	Régis Rosing (Frankfurt)
43	Concentração da seleção	Cab	00'13"	Fátima Bernardes (Berlim)
44	Concentração da seleção	Vivo	00'30"	Tadeu Schmidt (Konigstein)
45	Olha lá	Téc	00'24"	Imagens de torcedores em Belém e em Fortaleza
46	Passagem de bloco	NS	00'13"	William Bonner (Estúdio) / Fátima Bernardes (Berlim)
Bloco 04 – 06'41" (duração)				
47	Vinheta abertura	Tec	00'03"	Técnica (Estúdio)
48	Olha lá	Téc	00'21"	Imagens de torcedores em Recife
49	Cassação de José Janene	Cab	00'08"	William Bonner (Estúdio)
50	Cassação de José Janene	VT	01'03"	Delis Ortiz (Brasília)
51	Máfia das sanguessugas	NS	00'28"	William Bonner (Estúdio)
52	Pesquisa Ibope presidência	Cab	00'18"	William Bonner (Estúdio)
53	Pesquisa Ibope presidência	INF	00'17"	Técnica

anexo;

¹⁴ NC = Nota coberta; Tec = Técnica; VT = Vídeo tape; NS = Nota seca; Inf = Infográfico; Cab = Cabeça; NP = Nota pé;

¹⁵ Locais em que foram realizadas as matérias;

¹⁶ O estúdio do Jornal Nacional fica na cidade do Rio de Janeiro.

54	Pesquisa Ibope presidência	NP	00'46"	William Bonner (Estúdio)
55	Espanha X Ucrânia	Cab	00'12"	Fátima Bernardes (Berlim)
56	Espanha X Ucrânia	VT	00'58"	Pedro Bassan (Leipzig)
57	Alemanha X Polônia	Cab	00'09"	Fátima Bernardes (Berlim)
58	Alemanha X Polônia	VT	01'07"	Ari Peixoto (Dortmund)
59	Jogos do dia 14/06	NS	00'22"	Fátima Bernardes (Berlim)
60	Olha lá	Téc	00'20"	Imagens de torcedores por todo Brasil
61	Passagem de bloco	NC	00'09"	Fátima Bernardes (Berlim)
Bloco 05 – 02'42" (duração)				
62	Vinheta abertura	Tec	00'03"	Técnica (Estúdio)
63	Olha lá	Téc	00'21"	Imagens de torcedores por todo Brasil
64	Kaká, o herói	Cab	00'14"	Fátima Bernardes (Berlim)
65	Kaká, o herói	VT	01'24"	Tino Marcos (Berlim)
66	Encerramento	Tec	00'40"	William Bonner (Estúdio) / Fátima Bernardes (Berlim)

Anexo III – Quantificação do tempo da edição do Jornal Nacional e relação com o tempo destinado à Copa do Mundo e à cobertura

da seleção brasileira no dia 13 de junho de 2006¹⁷

Bloco	Edição completa JN	Copa do Mundo JN	Seleção Brasileira JN
1	10'42"	06'04"	06'04"
2	08'18"	08'18"	05'53"
3	04'44"	04'44"	01'44"
4	06'41"	03'41"	00'58"
5	02'42"	02'42"	02'42"
Total	31'33"	25'29"	16'20"

¹⁷ A quantificação do tempo de duração de cada matéria do *Jornal Nacional* foi feita com cronômetro manual, do que se conclui que os valores numéricos apresentados são aproximados. A escolha da edição do dia 13 de junho, assim como no caso do 'Anexo II', partiu de uma seleção aleatória das edições que compõem o estudo de caso.